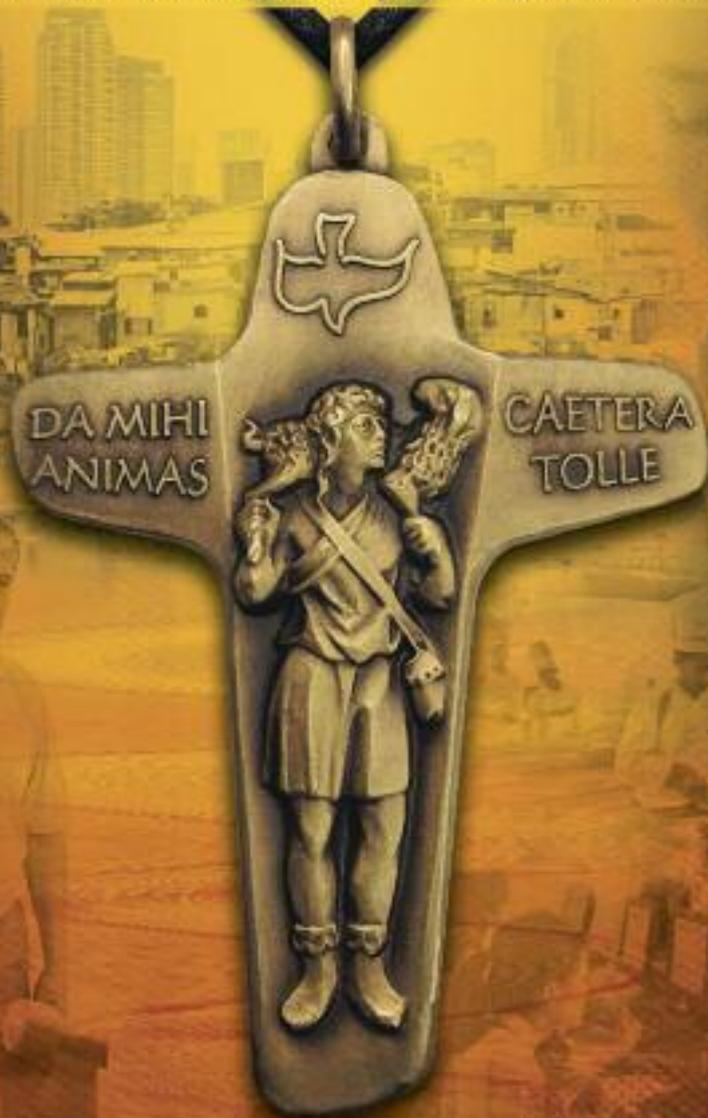


2018

DIA MISSIONÁRIO SALESIANO
O PRIMEIRO ANÚNCIO E A FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA ÁSIA



sussurrando
O EVANGELHO



SETOR DAS MISSÕES SALESIANAS

WWW.SDB.ORG

EXPLICAÇÃO DO PÔSTER DO DIA MISSIONÁRIO SALESIANO 2018: **SUSSURRANDO O EVANGELHO**

Apresentamos o pôster idealizado pelo nosso artista, o jovem irmão Peter Le Duoc sdb.

A **nova Cruz missionária** salesiana recorda-nos que, como Salesianos de Dom Bosco e Família Salesiana, somos chamados a ser missionários dos jovens. Nossos corações são modelados segundo o Bom Pastor, o nosso Senhor Jesus Cristo, que é a fonte da nossa alegria, da nossa fé, da nossa esperança e do nosso amor.

A **luz radiante dourada que desce do alto** e que continua como um suave **fluxo de água** ao fundo significa a presença do Espírito Santo, que orienta e ilumina constantemente o missionário salesiano ao longo da sua vida de serviço. O fluir tranquilo da água sussurra suavemente a vida, indicando-nos a metodologia do Primeiro Anúncio, marcada pela paciência serena, discreta e respeitosa, que ao mesmo tempo comunica a Boa-Notícia.

A fotomontagem sobreposta de **jovens dos nossos centros salesianos de formação profissional** representa o nosso campo de trabalho nos países asiáticos, numa sociedade, às vezes, marcada pelo contraste entre riqueza e pobreza. Encontramos na Ásia jovens de diferentes pertencas culturais, religiosas e econômicas. Com paciência, gentileza e doçura nós os acompanhamos e instruímos na formação ao trabalho, para crescerem como honestos cidadãos e bons cristãos ou filhos de uma fé diferente, que contribuem para a sociedade – experimentando a verdadeira alegria nesta vida e na futura.

O itinerário visual do pôster leva-nos a concluir com uma foto de **Dom Bosco** sentado em seu aposento ao lado de um mapa-múndi que nos recorda os sonhos missionários do nosso pai. Ele convida os seus filhos a irem ao mundo todo, levando a Boa-Notícia aos jovens. Através da nossa presença fraterna e das ofertas educativo-pastorais criamos ambientes de família e promovemos a digna inserção dos jovens na sociedade. Nesse ambiente, são comunicados com “palavrinhas ao ouvido” **sussurros** de alegria, fé, esperança e amor; ou melhor, o sussurro do Evangelho.

**SUSSURRANDO
O EVANGELHO**

ÍNDICE



Sussurrando a Boa-Notícia. Explicação do Pôster da DMS 2018	2
Índice	3
Carta do Reitor-Mor	4
Carta do Conselheiro para as Missões Salesianas	5
Dia Missionário Salesiano: Uma tradição que continua	6
Tema Geral para este sexênio: o Primeiro Anúncio	8
Sussurro de brisa suave	11
Sussurrando o Evangelho na Ásia Sul	14
Salesianos na Ásia (Índia e China)	18
O Método Missionário do Padre de Nobili	21
Formação Profissional Salesiana na Ásia	25
Dom Bosco	25
Quadro Referencial	26
Índia e 'Don Bosco Tech' na Ásia Sul	27
Formação Profissional Salesiana na Ásia Leste	29
A recente presença no Laos	31
Três Salesianos missionários em "mangas de camisa" na Formação Profissional	33
Roberto Panetto (Camboja)	33
Andrew Tran (Mongólia)	36
Luigi Parolin (Filipinas)	37
Ecclesia in Asia: Santos	40
São Kuriakose Elia Chamara	42
Projeto DMS 2018	43
Oração	44



CARTA DO REITOR-MOR

11 de novembro de 2017

“Sussurrando o Evangelho na Ásia” é tão eloquente e ao mesmo tempo tão salesiano. É um tema que fala do que somos e também do que já fazemos entre os jovens do emocionante continente asiático. É um argumento que, ao mesmo tempo, indica claramente o caminho a seguir.

O nome salesiano do sussurro evangélico é, antes de tudo, a presença educativa salesiana. Mesmo sem dizer uma palavra, a nossa presença gentil, inteligente e crente entre os jovens mais pobres já é um anúncio muito incisivo. A nossa presença como irmãos, pais e amigos não é neutra: leva, mesmo com a discrição pedida pela Ásia, uma mensagem de amizade educativa.

Através da discreta presença educativa, conseguimos dar ainda mais clareza e mais luminosidade a muitos dos belos valores que os povos asiáticos conservam e transmitem. E, entre esses valores, gosto de evidenciar os da paz e do trabalho. Como Salesianos, vivemos e trabalhamos entre muitos povos da Ásia que são sobretudo pacíficos e operosos. O Sistema Preventivo de Dom Bosco ao encontrar esses valores dá-lhes ainda mais profundidade e beleza.

A presença educativa salesiana “sussurra o Evangelho”, também mediante a construção de espaços enriquecidos pela cultura do encontro, da reciprocidade e da solidariedade. Com Dom Bosco, muitos jovens asiáticos descobrem e forjam as relações humanas, que são ainda mais ricas e mais duradouras. Os nossos jovens nas casas salesianas comem juntos, estudam juntos e trabalham juntos. Na diversidade cultural e religiosa, criam ligações profundas e duradouras de verdadeira amizade. Sentem-se em casa. Cada um dos nossos ambientes educativos é chamado a “sussurrar” o espírito familiar que o nosso pai Dom Bosco nos deixou. Nesses ambientes de encontro humanizador, a mulher também é respeitada, valorizada, promovida.

Enfim, esse sussurro é educativo e evangélico, porque não inibe os jovens, nem os faz envelhecer prematuramente pela indiferença. Ao contrário, desperta-os, leva-os a sair, coloca-os em caminho. Aceitando esse chamado, o jovem gradualmente e com convicção toma a própria vida em suas mãos, sente-se interpelado, descobre que a sua vida é uma vocação.

Caros irmãos e amigos, neste ano coloquemos a atenção missionária no Evangelho e na sua discreta e frutuosa difusão nas profundezas dos jovens que vivem na Ásia. A Família Salesiana do mundo todo possa redescobrir a sua paixão apostólica em cada contexto em que vive e trabalha.



Padre Ángel Fernández Artime, SDB
Reitor-Mor



CARTA DO CONSELHEIRO PARA AS MISSÕES SALESIANAS



Como em todos os anos, o Dia Missionário Salesiano é uma ocasião de não se perder. Acontece algumas vezes que alguns irmãos, em algumas Inspetorias, ainda não sabem no fim do ano qual o tema do Dia Missionário Salesiano. Eis o principal desafio, lançado primeiramente a cada Delegado Inspetorial para a Animação Missionária: que a “boa notícia” deste Dia Missionário chegue a todos, a cada irmão, a cada casa salesiana, a cada leigo e jovem.

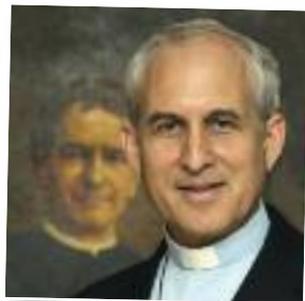
É preciso, então, “fazer barulho” com o Dia Missionário Salesiano, para que não se extinga o ardor missionário, para que ninguém nos roube a paixão apostólica!

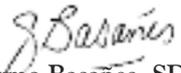
Como os demais Dias Missionários Salesianos deste sexênio, o fio condutor continua a ser o do Primeiro Anúncio. Desta vez focalizamos o continente asiático, e em especial as nossas presenças de formação técnica e profissional dos jovens. É aqui que vemos uma ligação muito interessante entre certo “rumor” externo ordinário normal, vinculado aos nossos centros de formação técnica e ao trabalho, com a lenta e quase silenciosa penetração do Evangelho no coração das diversas culturas. Estes centros, que estão muitas vezes em meio a rumorosas cidades, convertem-se igualmente em oásis onde o “pão cotidiano” são os valores evangélicos.

Peço para este Dia Missionário Salesiano 2018, especialmente ao Delegado para a Animação Missionária e sua equipe que, à luz deste tema eloquente e provocador:

- estudem a partir das orientações oferecidas em “Formação Missionária dos SDB” o modo de dar início a itinerários que cultivem e treinem cada Salesiano – em especial os da formação inicial – como especialista em “sussurrar o Evangelho” entre os jovens;
- aproveitem esta ocasião para tornar conhecida a Ásia como uma vastíssima terra de missão que ainda está à espera da disponibilidade missionária *ad gentes* de muitos;
- tornem conhecidos e divulguem bons exemplos de membros da Família Salesiana, não necessariamente aqueles dos quais está em curso a causa de canonização, que souberam viver com criatividade, salesianidade e coragem o mandato evangélico de anunciar a Boa-Notícia, sobretudo aos jovens mais pobres.

Maria, Imaculada e Auxiliadora, acolheu com fé o anúncio que o Arcanjo Gabriel lhe sussurrou em sua casa de Nazaré. Por sua vez, Ela sussurrou uma necessidade urgente aos ouvidos de seu Filho: “*não têm mais vinho*”. Ela mesma abraçou a preciosa herança que lhe foi sussurrada: “*eis o teu filho*”. E Ela, após a Assunção, não deixa de sussurrar junto ao Deus-Amor uma a uma as necessidades dos “*degradados filhos de Eva*”. Que Ela interceda e faça de cada filho e filha de Dom Bosco e de cada casa salesiana um sussurro evangélico em todos os cantos do mundo, para que os jovens tenham vida, e vida em abundância!




Padre Guillermo Basañes, SDB
Conselheiro para as Missões

Dia Missionário Salesiano

Uma tradição que continua

O que significa?

Desde 1926 é celebrado na Igreja universal, o Domingo Missionário Mundial. A partir de 1988 é também proposto um tema missionário à Congregação Salesiana. As comunidades salesianas têm assim a oportunidade de conhecer uma realidade missionária específica. É um momento forte para a Animação Missionária nas Comunidades salesianas inspetoriais e locais, nos Grupos juvenis e na Família Salesiana. É uma oportunidade para envolver as comunidades SDB e as comunidades educativo-pastorais (CEP) nas dinâmicas da Igreja universal, *reforçando a cultura missionária*.

Para quê?

Para dar impulso à Animação Missionária oferecendo uma proposta que se torne um projeto anual concreto. Para ajudar a Família Salesiana inteira a conhecer o trabalho missionário da Congregação, abrir os olhos para as novas realidades missionárias, superar toda tentação de fechar-se no próprio território ou contexto e lembrar-se do respiro universal do carisma salesiano. “As atividades de animação missionária sejam sempre orientadas para os seus fins específicos: informar e formar o Povo de Deus para a missão universal da Igreja, fazer nascer vocações ad gentes, suscitar cooperação para a evangelização” (*Redemptoris Missio*, 83).

Quando?

Em nível mundial não há uma data fixa para a DMS. Cada Inspeção escolhe uma data ou período, adequado ao próprio ritmo e calendário. Há algumas datas tradicionais nas Inspetorias: perto da Festa de Dom Bos-

co em janeiro ou do aniversário de Dom Bosco em agosto; a Quaresma; 25 de fevereiro, festa dos Santos Mártires Luís Versiglia e Calisto Caravario; o mês de maio; o mês missionário de outubro ou o dia 11 de novembro. Antes de tudo, é importante oferecer um itinerário educativo-pastoral de algumas semanas, do qual o Dia Missionário Salesiano é o ponto culminante. O DMS é a expressão do espírito missionário de toda a Comunidade Educativo-Pastoral, mantido vivo durante o ano com diversas iniciativas.

Como é animado?

A começar de uma reunião dos Diretores, em que o Delegado para a animação missionária explica o objetivo e distribui os instrumentos disponíveis para o DMS na Inspeção (página web inspetorial ou um link para www.sdb.org - DMS). Dessa forma, todas as comunidades SDB tornam-se os primeiros destinatários do DMS, concentrando a cada ano a atenção num aspecto concreto da cultura missionária; rezando pelos missionários apresentados no DMS; oferecendo um apoio concreto à missão.

Quem celebra?

Primeira destinatária é a comunidade salesiana SDB. Depois, conforme as Inspetorias, há vários modos de organizar, segundo os ambientes da missão salesiana (escolas, centros de formação profissional, paróquias, grupos juvenis, especialmente os de voluntariado missionário) e da Família Salesiana (Salesianos Cooperadores, Ex-Alunos, Grupos ADMA, etc.), abertos a todo o movimento salesiano e aos amigos de Dom Bosco



Com quais meios?

São oferecidos às comunidades salesianas: um cartaz, um subsídio impresso, um vídeo sobre o tema. Este material – oração, opúsculo e vídeo – pode ser encontrado em www.sdb.org/missões.

A importância da oração pelas Missões

Todos os membros da CEP contribuem para a ação missionária da Congregação e da Igreja com a oração acompanhada de sacrifícios pelos missionários salesianos e pelas vocações missionárias. O dia 11 de cada mês é uma ocasião para rezar segundo a Intenção Missionária Salesiana. Todos os anos, com o tema do DMS, é proposta uma oração específica. A ação missionária brota do encontro com Deus e é sustentada por Ele.

O Projeto para o DMS 2018

A cada ano é proposto um projeto para toda a Congregação. Ele é uma parte importante

e concreta da dinâmica do DMS.

A finalidade primária do projeto da JMS não é só a coleta de fundos. Antes, quer ser uma experiência educativa de solidariedade concreta pelos jovens. O DIAM promove a solidariedade mediante várias iniciativas, em especial durante os tempos fortes litúrgicos de Advento e Quaresma e durante o mês de outubro, ou como parte das celebrações do DMS. A comunidade inspetorial inteira é convidada a dar também uma contribuição monetária como expressão de solidariedade missionária.

A revisão

A revisão depois do DMS é tão importante quanto a sua preparação e celebração. Deve-se considerar como o DMS pôde favorecer a cultura missionária na comunidade local ou inspetorial através do tema proposto no ano, tendo presentes as sugestões de correção para o futuro. ■

DMS: Uma tradição que continua (1988-2018)

Ano	Tema
1988	Guiné - Conakry: O sonho continua
1989	Zâmbia: Projeto Lufubu
1990	Timor Leste - Venilale: Jovens evangelizadores
1991	Paraguai: Meninos de rua
1992	Peru - Valle Sagrado Incas: Cristo vive nos caminhos dos Incas
1993	Togo - Kara: Dom Bosco e a África – um sonho que se torna realidade
1994	Camboja - Phnom Penh: Missionários construtores de paz
1995	Índia - Gujarat: Em diálogo para compartilhar a fé
1996	Rússia - Yakutsk: Luzes de esperança na Sibéria
1997	Madagascar: Jovem, eu te digo, levanta-te
1998	Brasil: Ianomâmis: Vida nova em Cristo
1999	Japão: O difícil anúncio de Cristo no Japão
2000	Angola: Evangelho semente de reconciliação
2001	Papua Nova Guiné: Caminhando com os jovens
2002	Missionários entre os jovens refugiados
2003	O empenho pela promoção humana na missão
2004	Índia - Arunachal Pradesh: O despertar de um Povo
2005	Mongólia: Uma nova fronteira missionária
2006	Sudão: A missão salesiana no Sudão
2007	Sudão: A missão salesiana no Sudão
2008	HIV/AIDS: Resposta dos Salesianos – educar para a vida
2009	Animação missionária – Mantém viva a tua chama missionária
2010	Europa: Os Salesianos de Dom Bosco caminham com os Rom – Sinti
2011	América: Voluntários para proclamar o Evangelho
2012	Ásia: Narrar Jesus (Telling the story of Jesus)
2013	África: Caminho de fé
2014	Europa: Os outros somos nós – Atenção salesiana aos migrantes
2015	Senhor, envia-me! –Vocação salesiana missionária
2016	Vinde em nosso auxílio! O Primeiro Anúncio e as novas fronteiras na Oceania
2017	... E ficaram conosco: O Primeiro Anúncio e os povos indígenas da América
2018	Sussurrando o Evangelho. O Primeiro Anúncio e a Formação Profissional na Ásia



Tema Geral para este sexênio: **O Primeiro Anúncio**

Itinerário da Congregação

De 2015 a 2020, o tema de fundo do Dia Missionário Salesiano tem se referido ao “Primeiro Anúncio” (PA) em diversos contextos culturais. Este ano é dedicado ao Primeiro Anúncio na Ásia e, em particular, através do serviço educativo integral da Formação Profissional.

Como Família Salesiana, SDB e FMA, refletiu-se sobre este tema em todas as Regiões do mundo: Europa (Praga 2010), Ásia Sul (Kolkata 2011), Ásia Este (Sam Phran 2011), Oceania (Port Moresby 2011), África (Addis Abeba 2012), América (Los Teques 2013), em contexto Muçulmano (Roma 2012) e na Cidade (Roma 2015). Foi iniciado um processo de Seminários Regionais a partir de uma síntese dos seminários anteriores, para individualizar as suas aplicações nos diversos setores e ambientes da missão (paróquias, mi-

norias étnicas, escolas, oratórios, centros de formação profissional...); em 2017 foram feitos, para essa finalidade, os encontros no Brasil (Belo Horizonte), Tailândia (Sam Phran), Portugal (Fátima). Na África (Johannesburgo) será em 2018.

Consideramos o conceito de Primeiro Anúncio em relação ao **testemunho** de todo cristão e de toda a comunidade cristã; toda atividade ou o conjunto de atividades que favorecem **uma experiência** envolvente e agradável **de Jesus** que, sob a ação do **Espírito Santo**, suscita a **busca** de Deus e leva à **adesão inicial** a Ele, ou à revitalização da **fé** n’Ele.

Isso tudo é promovido com uma pedagogia gradual, atenta ao contexto histórico-social e cultural do interlocutor. Leva a viver a pró-



pria vocação como cristão em “permanente estado de missão”, de modo tal que, toda pessoa e toda comunidade se tornem um centro de irradiação de vida cristã. O primeiro anúncio é dirigido a diversos destinatários.

1. Àqueles que **não conhecem Jesus Cristo** (aos não cristãos).
2. Aos **cristãos que receberam de modo insuficiente** o primeiro anúncio do Evangelho, por isso:
 - a) Depois de terem conhecido Jesus Cristo, eles o abandonaram;
 - b) Vivem a própria fé como algo cultural, sem a prática cristã com a comunidade, ou sem receber os sacramentos ou deixar-se envolver na vida e atividade da paróquia;
 - c) Credo já ter conhecido Jesus suficientemente, vivem a fé como rotina ou algo simplesmente cultural, ou ainda, de forma contrária à fé;
 - d) Têm uma identidade cristã frágil e vulnerável;
 - e) Não praticam mais a própria fé.
3. Àqueles que **buscam Alguém** ou alguma coisa, mas não conseguem dar-lhe um nome.
4. Àqueles que vivem a vida cotidiana **sem qualquer sentido**.

Propostas concretas apresentadas pelos SDB na Ásia

Na **Ásia Sul** (Kolkata 2011), os Salesianos propuseram-se algumas ações concretas para dar prioridade ao PA:

- refletir sobre o primado do PA no Projeto Educativo-Pastoral (PEPS) de cada comunidade;
- iniciar e acompanhar os grupos missionários em nossos vários ambientes;
- formar uma rede com outros membros da FS e outras comunidades religiosas missionárias da nossa região para ajudar-nos na participação das diversas experiências e dos métodos de sucesso do PA;



- melhorar a colaboração e coordenação entre as Comissões de Pastoral Juvenil, Comunicação Social, Formação e Missão;
- os Delegados Inspetoriais para a Animação Missionária (DIAM) devem criar nas Inspeções grupos com a mesma visão sobre o Primeiro Anúncio;
- promover o estudo da Missiologia e cursos breves sobre PA para diretores, Salesianos em formação inicial, agentes pastorais.

Na **Ásia este** (Sam Phran 2011) surgiram estas propostas:

- esforçar-se conscientemente para suscitar o desejo de conhecer a pessoa de Jesus;
- desenvolver habilidades (linguísticas, informáticas, bom conhecimento das culturas, religiões e aspectos sociopolíticos, etc.) e preparar-nos através de uma imersão cultural;
- promover a compreensão da vida e da natureza da missão, a formação missionológica;
- reforçar o papel do animador missionário nas Inspeções. A animação missionária nas Inspeções é feita em duas dimensões: *ad gentes* e *inter gentes*;
- favorecer a conscientização das pessoas e comunidades sobre a necessidade de viver uma vida de testemunho cristão como único modo de anunciar Cristo aos outros;

- potenciar os membros leigos da Família Salesiana para serem agentes do Primeiro Anúncio;
- usar adequadamente os nossos ambientes tradicionais (escolas, centros de formação profissional, oratórios, centros juvenis, etc.) como lugares desejados para ao Primeiro Anúncio.

O coração fala ao coração

O caráter chinês de “escutar” é composto por cinco partes:



- (ouvidos) principal porta da escuta;
- (tu) empenho pessoal para escutar o outro;
- (olhos) contato visual com o interlocutor de diálogo e observação atenta da comunicação não verbal;
- (um) dar atenção a esta atividade “um ao outro”;

- (coração) a porta mais importante para a escuta eficaz: “O Coração fala ao Coração”.

A escuta atenta permite-nos distinguir a encarnação e a manifestação da presença e da ação de Deus e do seu Espírito nas culturas e nas religiões do grande continente, como também nos seus pobres.

A nossa capacidade de escutar atentamente haverá de nos tornar intuitivamente sensíveis ao momento imprevisto, quando a nossa vida, atividade, presença ou testemunho de crentes e de Igreja possa desencadear o interesse de conhecer a Pessoa de Jesus Cristo e ter fé n’Ele.

São Francisco de Sales repetia a bela frase “*Cor ad cor loquitur*”: “O coração fala ao coração”. Queremos, de um lado, que o coração do Evangelho fale ao coração da cultura asiática, a cada cultura e a cada pessoa. E também dê, a cada um de nós, missionários, a capacidade da empatia, de ter a respeitosa confiança e intimidade de nos sintonizarmos com os corações dos nossos destinatários para poder comunicar aquele que mais amamos: Jesus Cristo. ■

“*Cor ad cor loquitur*”



“O coração fala ao coração”

E Deus estava no sussurro da brisa suave (1Rs 19,12)



O sussurro da Boa Notícia faz-nos recordar o texto do ciclo de **Elias**, quando ele se encontra com JHWH, no monte Horeb (Sinai). A narração sobre Elias é riquíssima de sugestões sobre a aventura espiritual. Detemo-nos no trecho do encontro com Deus no sussurro da brisa suave.

⁹Chegando ali, entrou numa gruta, onde passou a noite. Então a palavra do Senhor veio a ele, dizendo: “Que fazes aqui, Elias?” ¹⁰Ele respondeu: “Estou ardendo de zelo pelo Senhor, Deus dos exércitos, porque os israelitas abandonaram tua aliança, demoliram teus altares, mataram à espada teus profetas. Só eu escapei; mas agora querem matar-me também”. ¹¹O Senhor disse-lhe: “Sai e permanece sobre o monte diante do Senhor”. Então o Senhor passou. Antes do Senhor, porém, veio um vento impetuoso e forte, que desfazia as montanhas e quebrava os rochedos, mas o Senhor não estava no vento. Depois do vento houve um terremoto, mas o Senhor não estava no terremoto. ¹²Passado o terremoto, veio um fogo, mas o Senhor não estava no

fogo. E depois do fogo ouviu-se **o sussurro de uma brisa suave**. ¹³Ouvindo isto, Elias cobriu o rosto com o manto, saiu e pôs-se à entrada da gruta. Ouviu, então, uma voz que dizia: “Que fazes aqui, Elias?” ¹⁴Ele respondeu: “Estou ardendo de zelo pelo Senhor, Deus dos exércitos, porque os israelitas abandonaram tua aliança, demoliram teus altares e mataram à espada teus profetas. Só eu escapei. Mas, agora, querem matar-me também”.

¹⁵O Senhor disse-lhe: “Vai e volta por teu caminho, rumo ao deserto de Damasco. Chegando lá, ungirás Hazael como rei de Aram. ¹⁶Unge também a Jeú filho de Namsi como rei de Israel e a Eliseu filho de Safat, de Abel-Meula, como profeta em teu lugar. (1Rs 19,9-16)

O profeta Elias, procurado pela rainha Gezabel para ser morto, precisou fugir. Entrando pelo deserto a fora, num certo momento deixou-se cair cansado e exausto, deprimido e sem consolo. Disse: “Agora basta, Senhor! Toma a minha vida, porque não sou melhor do que meus pais”. Adormeceu cheio de tristeza. Um anjo,



porém, acordou-o e disse: “Come este pão e bebe esta água que busquei para ti, e continua o teu caminho”. Ele comeu e bebeu, e com a força daquele alimento caminhou quarenta dias e quarenta noites até o monte de Deus, o Horeb, até a meta, ao encontro com Deus. Depois de passar a noite na caverna, Deus convida-o para sair e encontrar-se com Ele.

קול דממה דקה

“O Senhor passou” pela vida do profeta. São descritas quatro manifestações da passagem de JHWH das quais a última contrasta fortemente com as três primeiras (vento impetuoso, terremoto, fogo, brisa). O “sussurro da brisa suave”, tradução possível de *qôl d'mamâh daqqâh*, que também pode ser: “murmúrio de um vento suave”, ou “calma envolvida por uma voz suave”, ou “silêncio sutil”. Traz a ideia do conceito simultâneo de som e silêncio.

Essa narração oferece algumas pistas de interpretação.

a. Há uma interpretação polêmica contra a religião pagã combatida pelo profeta na qual Baal é o deus da tempestade e do terremoto. A brisa suave contrastando reafirmará que JHWH é o Deus verdadeiro e não a religiosidade pagã que destrói e assusta.

b. Faz-nos recordar também a brisa do jardim (o Éden) (cf. Gn 3,8) quando Deus passeia pelo jardim e pergunta a Adão onde está,

para encontrar-se com ele. Também se poderia encontrar uma referência ao *ruah* que soprava sobre as águas em Gn 1,2. Isso tudo envolve a presença criadora de Deus no caos, e que salva do pecado. É um Deus que continua a criar e salvar na história do seu povo.

c. Uma segunda interpretação relaciona o nosso episódio com a **experiência de Moisés** no Sinai, revivida pelo profeta: 40 dias, a gruta onde se esconde, o único que é fiel enquanto o povo é infiel. A teofania de fogo do Sinai provocava medo no povo de Israel (Ex 20,18); agora, em contraste, temos uma “brisa suave”.

d. Há, enfim, uma interpretação à luz das mesmas experiências de Deus feitas por Elias. Ele surge como um profeta “de fogo” (Sir 48,1): é impetuoso, intolerante e castigador. Por isso, esperaríamos uma teofania adequada ao seu modo de entender Deus, mas eis que aqui o Senhor desilude suas expectativas fazendo-se próximo de modo novo e inesperado na **paz e na doçura e não no fogo devorador**. JHWH quer indicar o caminho da misericórdia e da paz com que ele quer visitar e salvar o seu povo. Não por nada alguns Padres veem nesta opção de Deus uma sutil reprovação ao profeta; por exemplo, o pseudo-Efrém comenta: “Também com este símbolo Deus desaprova o zelo excessivo de Elias, como a dizer: Elias, olha para mim. Eu não fico contente na força do



vento, nem na grandeza do terremoto, nem no ardor do fogo, mas manifestei-me a ti com uma doce palavra. Por que, então, não imitas a doçura do teu Senhor e não tranquilizas este zelo ardente de castigar os filhos do teu povo, para ser suplicante diante deles, e não seu acusador?”. Também o Sirácida comentando este episódio dá a mesma interpretação: “Tu, Elias, que ouviste a censura no Sinai” (Sir 48,7-8).

Sem excluir as outras interpretações, esta última é muito interessante e estimulante para modelar a vida missionária salesiana. A missão em terras asiáticas, onde na maior parte dos países, o número de católicos é pequeno, pode levar ao desencorajamento e à perda de coragem. Mas, como o profeta, somos chamados a sair de nós mesmos, a retomar o caminho espiritual do êxodo, e – depois do encontro com Deus que sussurra – somos enviados em missão aos diversos desafios da sociedade.

O sussurro da Boa-Notícia é uma **palavra criadora** (Gn 1,2), uma voz que se escuta em clima de intimidade provocando o **encontro** (Gn 3,8). É a voz tênue de Deus, que não rompe os tímpanos, mas chega com discrição aos ouvidos e ao coração. É a “*palavrinha ao ouvido*” que, com delicadeza e respeito, como brisa suave, conquista a confiança e oferece uma mensagem de vida. É uma comunicação marcada pela *amorevolezza*, própria do Sistema Preventivo.

É uma palavra de harmonia e de **paz**: “O Senhor não estava no vento impetuoso, no terremoto ou no fogo, mas havia aquele

sussurro de brisa suave: a paz. Ou como diz precisamente o original, uma expressão belíssima: O Senhor era um fio de silêncio sonoro” (Papa Francisco, 13/06/14).

É um sussurro que leva à **interioridade**, uma “voz silenciosa”, tão apreciada no continente asiático, que educa a escutar a voz de Deus no silêncio, a entender em profundidade a interioridade das coisas, como a do trabalho, da educação, das relações, do mundo, de Deus.

É uma mensagem sutil que **leva à missão**, com todos os seus desafios sociais, políticos, econômicos e religiosos. Como Elias foi unguir reis e profetas, assim também somos chamados, depois do encontro com Deus, a ir ao mundo com os seus problemas para realizar nele o projeto de Deus.

A **proposta educativo-pastoral salesiana**, através do “rumor frenético” do trabalho, das oficinas, dos pátios, das máquinas, dos martelos que ressoam, é, ao mesmo tempo, um sussurro respeitoso aos jovens asiáticos, sobre o valor da solidariedade, responsabilidade, dignidade humana e do trabalho, que foi assumido plenamente pelo Verbo, tornando-nos participantes dessa obra. A relação educativa personalizada, afetuosa e respeitosa, com o testemunho da coerência da própria vida e da caridade, abre os corações ao “sussurro da brisa suave do Evangelho”. ■



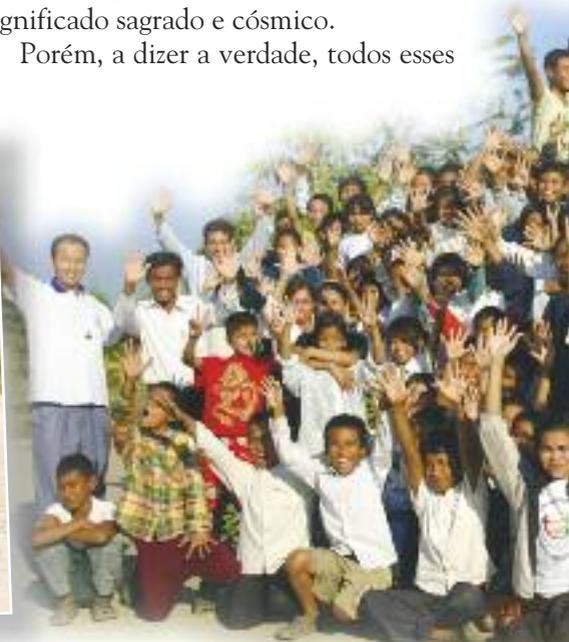
Sussurrando o Evangelho à alma da Ásia

Dom Thomas Menampambil, SDB

Usei pela primeira vez a frase “Sussurrando o Evangelho à alma da Ásia” no Sínodo sobre a Ásia. Muitos bispos asiáticos, durante os intervalos, agradeceram-me pela expressão. Depois, outros se uniram. Usei a frase em outra ocasião para concluir um artigo sobre a evangelização da Ásia. Recebi palavras de apreço justamente por aquela frase de pessoas que nunca cheguei a conhecer: no Japão, Filipinas, Indonésia, Bangladesh, e também de um missionário inativo na França que trabalhara anteriormente na Ásia. Viram na frase algo de mais profundo de quanto pudesse imaginar quando a usei pela primeira vez. Não era uma frase sobre a qual tivesse pensado muito, ou que tivesse sido elaborada atentamente depois de muitas reflexões. Veio-me espontaneamente quando estava formulando uma intervenção por escrito para o Sínodo sobre a Ásia. Desde então, prenda a atenção de muitos, entre os quais também um missionário da Consolata que trabalha na Mongólia, que fez um doutorado na Universidade Urbanaiana aplicando a frase ao contexto mongol.

Geralmente, o que vem à mente quando se fala de “**comunicação em voz baixa**” no contexto atual é um pensamento de temor e ansiedade, no contexto de violência em relação aos cristãos, muito denunciada nestes dias. Essa era a razão menos importante que tinha em mente quando usei a expressão pela primeira vez, antes, não pensara nela realmente. A palavra “sussurro” na minha intervenção não era entendida como expressão de medo, timidez, cautela ou prudência. Era um **sinal de proximidade, intimidade, confiança, relação, profundidade**. Evocava também um senso do sagrado. Na Índia, os *mantras* são pronunciados docemente; são palavras sagradas. Os *sutras* são sussurrados somente aos iniciados; são ensinamentos sagrados. O povo escuta essas palavras com reverência. A seriedade e a solenidade do contexto te fazem segurar o respiro. Ficas fascinado pelo seu significado sagrado e cósmico.

Porém, a dizer a verdade, todos esses



significados e conotações mais profundas não eram tão importantes na minha mente, quando elaborei aquela intervenção para o Sínodo Asiático, quanto a proximidade de um missionário ao seu povo. Todos os que tiveram a ver com as massas, com grande sucesso, procuraram estar junto às pessoas: indivíduos e comunidades. Isso lhes deu grande poder de persuasão.

Mahatma Gandhi vivia próximo ao seu povo, indivíduos e grupos. Suas relações eram sempre calorosas e íntimas. Madre Teresa tinha a singular capacidade de fazer com que todos aqueles que encontrava sentissem pertencer-lhe. Por isso, também um sussurro dela era importante. O presidente Clinton afirmou que ninguém nos tempos modernos desafiara a consciência do mundo como ela o fizera. A princesa Diana inclinava-se profundamente como uma menina para ouvir os “murmúrios” da Madre.

Diz-se que Alexandre, Napoleão e Mao viviam próximos aos seus combatentes nos primeiros anos de carreira. Sua proximidade aos soldados comuns e a confiança que demonstraram produziram a



coragem que os homens precisavam para arriscar a vida na primeira linha. “A *palavrinha ao ouvido*”, de Dom Bosco (palavra de coragem, encorajamento ou declaração amigável) mudou o coração, modelou a vida, transformou a história. Os Fundadores de muitas Congrega-



ções confidenciaram com seus colaboradores mais estritos, percorrendo sobre o futuro de suas sociedades com profunda fé, confiança e intimidade. Foram momentos sagrados para os envolvidos nisso. Tudo o que acontece nos anos sucessivos, através da obra heroica dos seus sucessores, teve alguma relação mítica com o que acontecera nos primeiros encontros de pioneiros com o seu fundador.

Jesus, com frequência afastou-se da multidão para instruir os seus discípulos ou aprofundar a sua compreensão do que ensinara à multidão no momento anterior. Poderia comparar os diálogos de Jesus com Nicodemos e a mulher samaritana e seus diálogos durante as refeições ao “sussurro do Evangelho” ao qual me refiro. Nessas **relações íntimas** podem-se dizer coisas importantes, as coisas mais profundas podem ser explicadas e o que conta realmente pode ser aceito livremente, com alegria e com consequências que duram ao longo do tempo. Também as palavras de Jesus ao bom ladrão, as perguntas a Pedro sobre o seu amor e os diálogos com seus discípulos depois da ressurreição, poderiam ser classificadas na mesma categoria. Contudo, sobretudo o diálogo de Jesus com os discípulos no Cenáculo pode ser chamado de “Sussurro do Evangelho à alma” da Jovem Igreja. Tudo fala de proximidade, seriedade, intimidade. Há calor, há *amorevolezza*. Aqui encontramos Jesus que abre o coração. Qualquer palavra é preciosa, profundamente sentida, com diversos níveis de significado, palavras que resu-



mem aquilo no que crê e o olhar que tem por aqueles que ama.

Podemos perguntar-nos, então, se, como missionários, somos capazes dessa proximidade, intimidade e profundidade em nossos diálogos, ou ao menos em parte deles. Diria que sim. Era no pátio que Dom Bosco sussurrava a palavra ao ouvido de um jovem indisciplinado. A certa altura, eu me sentia em culpa pois, justamente quando o Papa João Paulo II falava de anunciar o Evangelho desde os telhados, eu falava de sussurro do Evangelho. Nem sequer pensei nisso, até quando alguém me fez observá-lo. Sentia-me até mesmo desconfiado. Essa diferença poderia ser mal-entendida. Contudo, essa abordagem jamais fora entendida como negação da outra: de fato, uma está intimamente ligada à outra. A partilha íntima de Jesus com seus discípulos teve uma relação estreita com sua pregação à multidão.

Há momentos e contextos, também em nosso caso, em que anunciamos a mensagem forte e clara sem medo, e há ocasiões para aprofundar as reflexões em círculos íntimos. Muitas vezes testamos o terreno através de diálogos mais profundos. A opção final de aceitar a proposta cristã como indivíduo, família ou pequeno grupo

é feita num contexto de intimidade e proximidade pessoal. Provavelmente isso é o que acontece entre dois jovens que decidem viver juntos como casal pela vida toda.

Há outra dimensão que significou muito para mim durante a minha vida missionária. Foi o desafio da **cultura**. Qualquer que seja o teu talento ou qualificação pessoal, se não te puseres na amplitude de onda da cultura de determinada comunidade, a tua capacidade de ser missionário será sempre limitada. Ter a ver com a cultura não é só analisar os costumes, as tradições e estudar as festas e o artesanato. É aceitar o convite para entrar no mundo interior das comunidades, compreendendo as suas atitudes e orientações coletivas, respeitando os seus valores, sentindo-se orgulhoso da sua história, do património cultural e dos resultados coletivos. Vibrar com a comunidade! Isso exigirá uma compreensão empática também das suas fragilidades, cuja correção, enfim, é dada pela própria comunidade.

Isso significa dialogar com a “*psique coletiva das comunidades*” como os grandes missionários do passado. Só essas pessoas vivem próximas da alma de uma comunidade. O sussurrar é possível e válido somente se estás próximo da Alma de uma comunidade. Só os missionários que são capazes de interpretar a originalidade de um povo, as dimensões mais profundas da sua cultura, compreendem o seu gênio coletivo e entram na





diferenças entre as diversas comunidades: os povos tribais, as pessoas destribalizadas, as comunidades que aceitaram uma das religiões do mundo, aqueles que não se pronunciam e aqueles que abandonaram a própria religião. Existem diferenças entre a população rural e urbana, pequenos grupos étnicos isolados e sociedades maiores. Contudo, a necessidade de penetrar no mundo interior de uma sociedade e compreender o seu funcionamento e as formas dos seus ritmos emotivos é extremamente importante quando se trata de compartilhar a própria fé. Quanto mais a compartilha levianamente, tanto mais permanece superficial. Infelizmente, grande parte da nossa educação missionária, de ensino, de catequese ficou em nível superficial. Quando se tornam íntimos e profundos, nota-se a diferença.

O aspecto da “**profundidade**” é importante quanto à qualidade da intimidade. Os asiáticos valorizam a profundidade, não importa qual a convicção. Enquanto a profundidade se refere ao conteúdo da discussão, refere-se também à personalidade do comunicador, à qualidade da relação, à unção do estilo de comunicação. Indica a intimidade que um comunicador tem com o próprio “eu” real. Na espiritualidade indiana, a busca do “eu profundo” é um dos objetivos mais elevados. Se o comunicador está próximo do “eu superficial”, também o conteúdo e o estilo da sua comunicação o refletirão. Mas se está próximo do seu “**eu mais profundo**”, a dimensão profunda da sua pessoa, quando comunica uma mensagem atrai a atenção.

Sou tentado a crer que a mesma frase “sussurrar o Evangelho à alma da Ásia” seja uma expressão da psique coletiva da Ásia. Não foi uma estratégia construída artificialmente por alguém, depois de muito estudo e discussões elaboradas. Surgiu espontaneamente quando a Igreja asiática se reuniu para o evento mais importante da sua história recente. Ela contém a fórmula para o futuro do trabalho de evangelização na Ásia. ■

intimidade das comunidades... Só eles são capazes de “sussurrar o Evangelho” com alguma possibilidade de sucesso. Muitos missionários têm a ver com a mente lógica, não com a alma íntima da comunidade.

Diz-se que São Patrício entendeu a mente céltica e relacionou-se com o povo irlandês com imenso sucesso. Algo semelhante foi dito de São Bonifácio na Alemanha, que transformou a vida de povos e sociedades inteiras. Na Índia, parece que São Francisco Xavier tivera um dom semelhante. Mais próximo de nós, poderíamos dizer algo semelhante do Padre Constant Lievens de Chhotanagar (Jharkhand) cujo sucesso é inexplicável sem o seu gênio no tratar com as comunidades. Mais próximo ainda de nós, talvez, poderíamos referir-nos ao Padre Vendrame, que mostrara modos surpreendentes de tratar com o povo Khasi. A pedagogia do “sussurro” toma vida quando pessoas com tais habilidades transmitem uma ideia às comunidades das quais se ocupam. E comunidades inteiras são transformadas.

A sociedade asiática é muito mais **comunitária** do que as sociedades de muitas outras partes do mundo, menos talvez daquelas da África. Aqui, um missionário deverá agir, não só com indivíduos e famílias, mas também com a unidade maior da sociedade, como a tribo, um grupo étnico em particular, uma aldeia, um pequeno bairro, etc. Se ele aprendeu a identificar-se com uma comunidade específica, na qual talvez seja reconhecido como herói, então fará maravilhas.

Falando ainda da Ásia, existem grandes

Salesianos na Ásia

(Índia e China)

Francesco Motto, SDB

Ao final dos anos trinta do século 19, a leitura dos Anais da *Propagação da Fé* oferecia a Dom Bosco uma boa informação sobre as missões na Índia e na China como também, nos mesmos anos, os Oblatos de Maria Virgem, que dirigiam o santuário da Consolação de Turim, com a sua partida para as missões na Birmânia (Mianmar). Notável influência sobre Dom Bosco deve ter exercido também o cônego José Ortalda, diretor do Conselho Diocesano da *Associação de Propaganda Fide* por 30 anos (1851-1880), promotor de uma espécie de seminário menor para vocações missionárias e editor de uma revista missionária.

O interesse missionário pela Ásia cresceu ainda mais em Dom Bosco no momento da canonização em Roma, em 1862, dos 26 protomártires japoneses e da beatificação em 1867 de mais de 200 mártires japoneses, celebrada solenemente também em Valdocco. Por Turim também passaram muitos bispos missionários, entre os quais, em novembro de 1859, Dom Luis Celestino Spelta († 1862), Vigário Apostólico de Hupei (China), e, nos anos seguintes, Dom Daniel Comboni, com quem Dom Bosco manteve uma troca de opiniões sobre as missões na África. Contato não lhe faltou nem mesmo com o missionário italiano na Geórgia (USA), Bettazzi, em vista da direção de uma escola de artes e ofícios ou um seminário, nos quais também estava interessado o bispo local. Até 1870, embora teoricamente sensível às necessidades missionárias, Dom Bosco cultivava outros projetos em sede nacional.

A viragem missionária do Concílio Vaticano I (1868-1870)

A presença em Roma de 180 bispos de “terras de missão” para o Concílio Vaticano Primeiro ofereceu a ocasião de Dom Bosco encontrar-se com muitos deles e também ser por eles contactado.

Em Valdocco, em novembro de 1869, foi recebida uma delegação de bispos chilenos; em julho de 1870, o arcebispo de São Francisco (USA) pediu e obteve a direção de um internato com escola profissional (nunca realizado). No mesmo ano, foi a

vez do piemontês Dom Domingos Barbero, Vigário Apostólico em Hyderabad (Índia), que lhe pediu duas irmãs disponíveis para a Índia. Também visitaram Valdocco Dom Luís Moccagatta, Vigário Apostólico de Shantung (China) e o seu sucessor Dom Elígio Cosi (1819-1885).

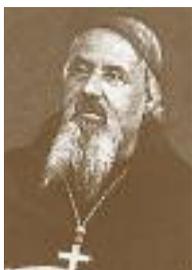
Em 1873, em Valdocco, Dom Timoleone Raimondi ofereceu a Dom Bosco a possibilidade de dirigir escolas católicas na Prefeitura Apostólica de Hong Kong. A tratativa, que durou mais de um ano, bloqueou-se por vários motivos. O mesmo aconteceu naqueles anos para fundações missionárias em outras partes da Índia e na Austrália, para as quais Dom Bosco entabulou tratativas com os bispos, dadas então como concluídas pela Santa Sé, enquanto na verdade eram apenas projetos *in fieri*. A disponibilidade do reitor do colégio irlandês de Roma, Mons. Toby Kirby, de dar alunos de língua inglesa não levou a nada de concreto. Não foi o que aconteceu com o projeto argentino-patagônico, que unindo a atenção aos emigrados italianos e a evangelização



Dom Luis Celestino Spelta



Dom Daniel Comboni



Dom Luís Moccagatta



dos índios, foi aceito e lançado por Dom Bosco em tempos muito rápidos (1874-1875). Facilitaram-no a semelhança de língua, cultura e tradições.

Salesianos na China

Apesar dos sonhos e dos desejos expressos sobre as missões asiáticas, Dom Bosco não pôde presenciar nenhuma expedição de missionários salesianos àquelas populosíssimas regiões. O primeiro desembarque asiático foi, de fato, no Oriente Médio, com a aceitação no final do século, pelo seu sucessor, P. Miguel Rua, de obras educativas da Palestina já iniciadas pelos “Irmãos da Sagrada Família”, do P. Antonio Bellone, às quais se seguiram novas obras tanto na Palestina como na Turquia (e no Egito).

No mesmo quinquênio do final do século 19, os Salesianos mantiveram relações com jesuítas que lhes sugeriram a cidade de Macau, colônia portuguesa, como primeira sede para uma obra salesiana em terras chinesas. Às vésperas do novo século o bispo português de Macau, através do núncio apostólico de Portugal, iniciou tratativas diretas com o Padre Rua para a direção de um orfanato masculino com oficinas de artes e ofícios e a realização de atividade missionária na sua diocese. A morte do bispo interrompeu as tratativas que, porém, foram retomadas pelo sucessor, com quem o Padre Rua assinou um convênio em fins de dezembro de 1905.

Partindo de Gênova em meados de janeiro de 1906, o grupo de três sacerdotes e dois coadjutores, chefiados pelo P. Luís Versiglia (1873-1930) em um mês chegaram a Macau, recebidos com júbilo pelo bispo, pelas autoridades e pela população. A obra salesiana desenvolveu-se rapidamente, mas depois de apenas quatro anos precisou ser abandonada após a revolução portuguesa que expulsou

os religiosos também das colônias.

Os Salesianos estabeleceram-se, então, no território chinês de Heung-Shuan, entre Macau e Cantão, e erigiram pequenas comunidades cristãs em Seak-Kei, Mong-Ciau e Ngan-Hang, interessadas sobretudo em formar catequistas. Em 1917 foi-lhes oferecida a missão de Shiu-Chow, ao norte de Cantão que, elevada em 1920 a Vicariato Apostólico, foi confiada a Dom Versiglia. Surgiram assim residências missionárias, igrejas e capelas, escolas para meninos e meninas, um seminário, etc. Em 25 de fevereiro de 1930 Dom Versiglia seria assassinado juntamente com o jovem sacerdote P. Calisto Caravario (1903-1930); ambos foram canonizados em 2000 pelo Papa João Paulo II.

Na Índia

Foi preciso esperar até depois da morte de Dom Bosco para uma presença de Salesianos na Índia. A pedir a sua presença foi o bispo português de Meliapor (costa oriental, bairro de Madras). O pedido feito pelo bispo em 1896, refeito pelo seu sucessor em 1902, concretizou-se somente com o convênio assinado pelas duas partes em dezembro de 1904. Deu-se, em dezembro de 1905, a partida desde Gênova de três sacerdotes, um clérigo, um coadjutor e um aspirante. Superior era o P. Jorge Tomatis (1865-1925). Chegados à cidade de Meliapor, através de



Dom Eligio Cusi



Dom Timoleone Raimondi



P. Luís Versiglia

Bombay-Mumbai, uma semana depois, com doze horas de trem, chegaram a Tanjore, cidade de 60 mil habitantes, mas com apenas 8 mil católicos. Outros 26 mil, porém, viviam nas áreas ao redor. Os Salesianos eram destinados a dirigir um pequeno orfanato com oficinas de artes e ofícios e uma pequena escola paroquial, ambos dotados de algum subsídio do governo inglês.

A chegada em 1907 do P. Eugênio Mederlet (1867-1934) – futuro arcebispo de Madras – reforçou a pequena comunidade. Em 1909 foi aberto em Meliapor um pequeno internato-orfanato para anglo-índios e, em 1915, a paróquia central de Tanjore foi entregue aos Salesianos.

Sete anos depois iniciaria o trabalho missionário na Prefeitura Apostólica do Assam, a pedido da *Propaganda Fide*, após o afastamento, durante a primeira guerra mundial, dos missionários alemães “Salvatorianos”, que a tinham fundado. O primeiro diretor de Shillong, P. Luís Mathias (1887-1965), viria a ser Prefeito Apostólico em 1923, bispo em 1934 e, depois, sucessor de Mederlet na arquidiocese de Madras. Em 1928 a *Propaganda Fide* confiou aos Salesianos também a diocese de Krishnagar.

Para completar o quadro asiático acrescenta-se que em 1926 os primeiros Salesianos capitaneados pelo Padre Vicente Cimatti (1879-1965) iniciaram no Japão a sua missão paroquial, oratoriana e escolar em *Miyazaki*, *Nakatsu* e

Oitua na ilha de Kiou-Siou. Dois anos depois, essas áreas, erigidas pela Santa Sé em “*território de missão*” foram confiadas aos Salesianos, que permaneceram nesse trabalho mesmo quando em 1935 a nova missão se tornou *Prefeitura Apostólica*.

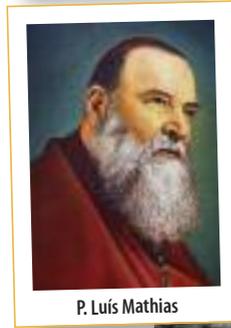
Quanto à Tailândia, os Salesianos entraram em 1927 e, três anos depois, foi-lhes confiada a missão já pertencente aos Missionários das Missões Estrangeiras, de Paris, com um centro principal em *Ratburi* e *Bang-Nok-Khuek*. O primeiro responsável, Padre Vicente Pasotti (1890-1950), promoveu oratórios e sobretudo escolas, profissionais em particular, que atraíram tanto cristãos como budistas. Em 1934 surgiu a *Prefeitura Apostólica* confiada ao mesmo Mons. Pasotti.

Já eram seguidas a tempos as orientações da carta apostólica *Maximum illud*, do Papa Bento XIV (1919) e da encíclica *Rerum Ecclesiae*, de Pio XI (1926) que, depois da primeira guerra mundial, tinham relançado a ação missionária da Igreja com a exigência de dar uma específica e sólida formação aos missionários, formar o clero indígena, a fim de prepará-lo para assumir a liderança das missões, evitar comprometer a evangelização com interesses políticos, nacionalistas, coloniais e com a previsão de erigir igrejas particulares autônomas.

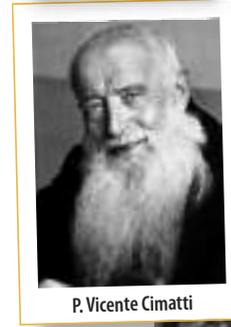
Obviamente, nas missões, o método salesiano de evangelização inspirava-se em Dom Bosco: os Salesianos visavam a juventude com orfanatos, escolas de vários tipos, oratórios, paróquias, atividades catequéticas segundo o método preventivo. Notável foi o seu esforço de inculturação e adaptação às situações locais, embora não tenham faltado grandes limitações de conhecimentos teológicos e antropológico-culturais. ■



P. Jorge Tomatis



P. Luís Mathias



P. Vicente Cimatti



Um exemplo inicial de mudança paradigmática na Abordagem Missionária



Thomas Anchukandam, SDB

Introdução

Roberto de Nobili, jesuíta italiano, chegou à Índia em 1605, com a ideia de converter para Cristo o maior número possível de indianos, à imitação do seu grande predecessor jesuíta, São Francisco Xavier. Entretanto, sendo homem de notáveis intuições, depois de uma breve experiência de vida em Madurai, chegou à conclusão de que o cristianismo teria pouco sucesso na Índia se fosse apresentado como religião ocidental. O que era evidente pela concentração geográfica dos cristãos na Índia. Viviam ao longo da costa onde podiam ter proteção e apoio das potências coloniais. As grandes regiões do interior não tinham sido alcançadas pelos missionários e as suas populações eram hostis à religião cristã. Os hindus identificavam o cristianismo como religião dos colonizadores.

O trabalho feito por de Nobili e a ideia de mudar a situação foram compartilhados pelo P. Alberto Laerzio, provincial jesuíta da Província de Malabar. P. Laerzio, de fato, era do parecer que “por muito tempo houve conversões nas ilhas e ao longo das praias protegidas pelas armas portuguesas”. Segundo ele, o tempo chegara de “a Cruz superar a bandeira” e tentar levar o Evangelho àquelas que viviam nas regiões interiores da Índia meridional.



Uma mudança de paradigma

Laerzio pediu a de Nobili que aprendesse tâmil, língua local, como também os costumes sociais. Dotado como era de uma memória prodigiosa, demonstrou-se rápido na aprendizagem e tornou-se especialista não só do tâmil mas também do sânscrito, língua em que os textos sacros hindus eram escritos e comentados pelos estudiosos brâmanes. Aprendeu também o telugo, língua dos governantes Viyanagar, que eram senhores de Madurai. Iniciara também um estudo sério do hinduísmo, e com a assistência de alguns brâmanes eruditos adquiriu uma compreensão mais clara do modo de vida dos brâmanes e do profundo pensamento filosófico e religioso hindu. Seu estudo, as discussões e reflexões le-

ram-no a crer que no modo de viver dos hindus existia uma clara distinção entre normas culturais, inócuas e, portanto, aceitáveis, e as práticas religiosas que muitas vezes continham elementos supersticiosos.

Sua vida, a interação com o povo e a sua mais profunda compreensão da cultura tinham-no levado logo à conclusão de que o sistema hindu de castas e, sobretudo, as castas mais altas, como os brâmanes, jamais aceitariam Cristo, se o cristianismo fosse identificado com a cultura europeia e os colonizadores portugueses que eram chamados depreciativamente como *paranguis*. Os *paranguis* eram considerados uma

raça desprezível e impura, que se movimentavam livremente entre os fora-de-casta comendo carne, bebendo álcool, não tomando banho regularmente, apesar do calor e da umidade, e eram geralmente consideradas pessoas sem moral. O cristianismo, religião dos *paranguis*, foi chamado de *Parangui Markham* ou o modo de vida dos *paranguis*. Portanto, nenhum membro das castas hindus, com um mínimo de estima pessoal, jamais pensaria em ser batizado em tal religião, como também seria considerado ignóbil e vil. Todos os que se associavam aos *paranguis* e ao seu modo de vida eram, de fato, considerados contaminados e, portanto, intocáveis.

A concretização do que se disse anteriormente fez com que de Nobili se dissociasse dos *paranguis* e declarasse que não era um *parangui*, mas realmente um *sannyasi* (asceta hindu), nascido em Roma. Em sua decisão, ele deixou-se guiar pelo que fora estabelecido no ano 50 pelos próprios Apóstolos no Concílio de Jerusalém, ou seja, que assim como não esperava que os gentios se tornassem judeus e seguissem as normas judaicas (At 15), também não se devia esperar que os indianos se

tornassem europeus caso decidissem ser crentes em Cristo.

Estava claramente implícito nisso que as suas práticas sociais eram compatíveis com a sua fé em Cristo. Além disso, imitando São Paulo, o Apóstolo dos Gentios, que “se fez tudo para todos os homens, a fim de que pudesse de algum modo salvar alguns”

(1Cor 9,23), de Nobili decidiu “ser indiano entre os indianos para salvar os indianos”. Depois, com a autorização do Provincial, P. Alberto Laerzio, de Nobili decidiu iniciar um novo método de evangelização em Madurai.

O método

De Nobili não queria ter nada, nem no seu aspecto nem no seu estilo de vida, que o associasse aos *paranguis*. Deixara de lado a veste negra e vestia-se como um *sannyasi-guru*, ou um mestre ascético hindu. Deixou de comer carne, peixe e ovo, e de beber vinho. Só comia uma refeição frugal por dia, que consistia em arroz, leite, fruta e verdura. Não viajava mais a cavalo e não usava sapatos de couro. Mas, segundo a prática local, caminhava com um par de chinelos de madeira e com a ajuda de um bastão. Cortara todos os contatos com os portugueses e também com seus irmãos jesuítas, que eram conhecidos como *paranguis*. Abstinha-se de qualquer contato com os “fora-de-casta” ou com as categorias de pessoas impuras.

Intensificara, também, o estudo dos textos sagrados hindus, em especial os Quatro Ve-

“Se fez tudo para todos os homens, a fim de que pudesse de algum modo salvar alguns”

(1Cor 9,23)



das, ou leis espirituais dos hindus. Ciente de que havia a crença entre os hindus da existência de um Quinto Veda, que se perdera, decidiu apresentar a doutrina cristã como o Quinto Veda ou *Sathya Veda* (o Verdadeiro Veda). Tirara dos comentários aprovados dos Vedas uma coletânea de textos e alusões mais adequadas que servissem de base para demonstrar a verdade do cristianismo. Isso o levou a discussões teológicas com os brâmanes, durante as quais a sua preparação em filosofia e teologia escolástica colocaram-no em posição vantajosa. Com o passar do tempo, publicaria 15 obras de diversas extensões para propagar a doutrina cristã e defender o seu método.

O método revelou-se eficaz, pois vários hindus de casta, entre os quais alguns brâmanes, se converteram ao cristianismo. Devido aos seus ensinamentos da doutrina cristã e dos seus escritos, os tâmiles dirigiam-se a ele respeitosamente como *Thathuva Bodhakar* (Mestre de Doutrina).

De Nobili permitiu aos recém-convertidos manter as insígnias da própria casta como o *kudumi* (cabelos na forma de “rabo de cavalo”), o cordão sagrado, ou seja, o cordão de algodão branco pendente do ombro esquerdo através do peito e amarrado atrás, próximo à coxa direita. Ele também permitiu o uso da pasta de sândalo na testa, no peito e na parte superior dos braços, como também tomar banhos regulares, sobretudo antes de participar de funções formais religiosas ou civis. Chegou a essa conclusão, fazendo uma sutil distinção entre o que considerava práticas puramente sociais, que indicavam a própria condição social ou grau, e as outras práticas com evidentes conotações supersticiosas ou religiosas.

Controvérsias

A “mudança de paradigma” na abordagem missionária que iniciara levou logo a contro-



Papa Gregório XV

vérsias tanto entre os seus confrades jesuítas como entre os missionários portugueses. Acusaram-no de ser agnóstico e de se ter tornado hindu. Contudo, se no início foi o seu provincial a levá-lo a iniciar essa nova abordagem missionária, encontrou depois o apoio de outro jesuíta influente e competente, Dom Francisco Roz, arcebispo de An-

gamali-Cranganore. Como arcebispo dos católicos sírios do Querala, Dom Roz sabia por experiência pessoal que era preciso fazer concessões aos indianos em nível social, sem comprometer a doutrina, se se quisesse ter sucesso como missionário na Índia. O exemplo pessoal do missionário de Nobili, o ascetismo e o sofrimento pelo Evangelho que dele derivava, os seus escritos apoloéticos sobre o tema, como também as fortes intervenções em seu favor de Dom Roz, acabaram por salvar o método. Em 31 de janeiro de 1623, o Papa Gregório XV mediante a Constituição Apostólica *Romanæ Sedis Antistes*, aprovou o seu método. Os jesuítas, então, continuaram a utilizá-lo como método oficial de evangelização nas missões indianas.

Conclusão

Entretanto, pelo final do século 17, aconteceu o que se tornou conhecido na história das missões como a *polêmica dos Ritos Malabares*. A polêmica concentrou-se no “método de Nobili”, entre dois grupos de missionários, os capuchinhos e os jesuítas, alinhados uns contra os outros. A controvérsia foi definida como a *Controvérsia dos Ritos Malabares* pois se concentrava no método dos jesuítas na província indiana de Malabar. Depois de uma série prolongada de acusações e contra-acusações das duas partes e depois de diversos relatórios enviados a Roma, a Santa Sé enviou o cardeal De Tournon para visitar a Índia e fazer um relatório. De Tournon, que não go-



zava de boa saúde, devido às longas e difíceis viagens, permaneceu com os capuchinhos em Pondicherry. Depois, sem visitar as missões dos jesuítas e verificar pessoalmente os fatos, voltou para Roma e apresentou o seu relatório. Baseando-se principalmente nesse relatório, transmitido por De Tournon, o Papa Bento XIV promulgou a bula *Omnium Sollicitudinum*, datada em 13 de setembro de 1744, condenando o método do jesuíta de Nobili, pois fazia concessões às práticas supersticiosas. Também pediu a todos os missionários na Índia que fizessem um juramento afirmando que não seguiriam esse método.

O requisito do juramento ficou em vigor até 1940. Com a segunda guerra mundial e o período pós-colonial, quando o domínio ocidental do mundo ficou como algo do passado a Igreja Católica foi obrigada a repensar a sua abordagem missionária. O que levou à urgente exigência de inculturação, e com ela a acentuar a necessidade de adaptar o Evangelho às culturas do mundo.



Papa Bento XIV



Cardeal De Tournon

Em relação ao próprio de Nobili, ele ainda hoje é considerado um pioneiro da missão. Trezentos e cinquenta anos antes do Concílio Vaticano II, ele indicara um novo modo de ser missionário – sem usar influências políticas ou financeiras, mas confiante na sua preparação intelectual, na sua formação como jesuíta que o tinha tornado um pensador independente e aberto a novas realidades e, sobretudo, empenhado no principal trabalho missionário de anunciar a Boa Notícia como Thathuva *Bodhagar*, o Mestre de Doutrina.

A experiência e a iniciativa do missionário de Nobili que procurava não identificar a religião cristã com o Ocidente colonial encontra ainda hoje um eco relevante, pois a perseguição dos cristãos, como acontece no

Oriente Médio pelos seus irmãos muçulmanos, se deve ao fato de a religião cristã ser injustamente identificada com os “países cristãos” ocidentais exploradores! ■



A Formação Profissional e os Salesianos na Ásia



Dom Bosco

São João Bosco (1815-1888) foi o fundador dos Salesianos de Dom Bosco, tendo dedicado a vida inteira à educação dos jovens mais vulneráveis. Desenvolveu a sua obra educativa nos tempos da revolução industrial, época de exploração dos jovens agricultores que iam à grande cidade de Turim em busca de trabalho. Entre eles havia também crianças de oito anos, que trabalhavam catorze horas por dia, sete dias por semana.

Dom Bosco começara a defender os jovens aprendizes com contratos de trabalho que lhes permitiam entrar no mercado de trabalho. Num período de exploração generalizada, Dom Bosco insistiu no direito de períodos de merecido repouso para os jovens trabalhadores.

Em 1853, em Valdocco, periferia de Tu-

rim, ele inicia a grande inovação didática das artes e ofícios (que no futuro serão chamadas de escolas profissionais), a partir de oficinas para marceneiros, tipógrafos e sapateiros. Depois, a obra de Dom Bosco difundirá no mundo todo as escolas técnicas médias, escolas profissionais, escolas agrícolas.

A importância da instrução e da formação profissional foi expressada repetidamente como prioridade educativa e econômica global, como insistiram a UNESCO e a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE). A grande contribuição da formação profissional à sociedade está relacionada com a sua capacidade de oferecer soluções adequadas ao próprio desenvolvimento em todas as áreas.



Um dos primeiros contratos de trabalho feitos na história para um aprendiz. Os protagonistas são um jovem, o patrão dum carpinteiro e Don Bosco (Novembro de 1851)

Convenzione tra il Sig.^o Giuseppe Bertolino
Mastro Minniere dimorante in Torino ed
il giovane Giuseppe Odasso nativo di Mondovì
con intervento del Rev.^o Sacerd.^o Giovanni
Bosco e coll'assistenza e fidejussione del
padre del detto giovane Vincenzo Odasso
nativo di Garesio, domiciliato in questa
capitale.

Per la presente scrittura a doppio originale da
potersi insinuare a semplice richiesta l'una
delle parti fattasi nella casa dell'Oratorio

Quadro Referencial da Pastoral Juvenil Salesiana

Originalidade do Centro Salesiano de Formação Profissional (QRPJS)

A formação profissional e a escola salesiana surgiram em Valdocco para responder às necessidades concretas da juventude e inserem-se num projeto global de educação e evangelização dos jovens, sobretudo os mais carentes. Animado pelo desejo de garantir dignidade e futuro aos seus jovens, Dom Bosco deu vida às oficinas de artes e ofícios, ajudando ao mesmo tempo os jovens na busca de trabalho e providenciando contratos para eles, impedindo que fossem explorados. Esse serviço e essa preparação serão enriquecidos com a vocação e a presença do Salesiano Coadjutor, ou Salesiano Irmão.

Foi essa a matriz dos atuais Centros de Formação Profissional (CFP) que procuram promover a formação humana, cristã e profissional dos jovens. A proposta responde a predisposições, habilidades e perspectivas de muitos deles que, ao final da formação de base, aspiram a inserir-se no mundo do trabalho. A formação profissional é um instrumento para o amadurecimento humano integral e a prevenção da insatisfação juvenil, além da animação cristã das realidades sociais e do desenvolvimento do mundo empresarial.

Sempre atento às necessidades juvenis,

Dom Bosco alargou a sua ação promovendo o surgimento das escolas salesianas. Ele intuía que a escola é instrumento indispensável para a educação, lugar de encontro entre a cultura e a fé. Consideramos a escola como uma mediação cultural privilegiada de educação; uma instituição determinante na formação da personalidade, porque transmite uma concepção de mundo, de homem e de história (cf. A escola católica, n. 8). O ambiente “escola” desenvolveu-se muito na Congregação como resposta às exigências dos próprios jovens, da sociedade e da Igreja. Tornou-se um movimento de educadores solidamente comprovado no front escolar.

Há também os Centros de Formação Pré-profissional com formulação e atuação especiais de propostas diversificadas: itinerários de orientação, instrução e formação, atualização, requalificação, inserção e reinserção social e no ambiente de trabalho, promoção do empreendedorismo social. Contribuem para o sucesso pessoal de cada um e dirigem-se para uma ampla tipologia de destinatários: jovens da escola obrigatória; jovens e adultos em busca de trabalho; jovens em dificuldade ou em situação de abandono escolar; migrantes ou aprendizes. Esses itinerários preveem uma proposta intensamente individualizada para retornar ao sistema escolar e formativo ou para ser iniciado no mundo do trabalho. A formação pré-profissional compreende, de fato, uma série de intervenções adequadas para tornar o sujeito ciente do atual contexto de trabalho e preparado para enfrentar do melhor modo as fases de acesso à profissão. ■





“Don Bosco Tech” Índia para dois milhões de jovens trabalhadores

O que vemos na economia indiana em rápido crescimento é um verdadeiro paradoxo. Enquanto os caminhos para o trabalho estão aumentando rapidamente, eles não são preenchidos por pessoas com habilidades compatíveis. O desemprego, então, continua a crescer inexoravelmente. O resultado é a perpetuação da pobreza, em meio a tantas oportunidades.

Don Bosco Tech, conhecido também como *DB Tech*, enfrenta esse problema endêmico com uma abordagem baseada no mercado, sensível às exigências socioeconômicas dos jovens marginalizados entre 18 e 35 anos. *Don Bosco Tech* criou uma rede de centros de formação em toda a Índia, tentando preencher essa falta, entre aqueles que não têm acesso às oportunidades e aqueles que são sempre mais marginalizados pelos trabalhos da ‘nova economia’. *Don Bosco Tech* é um exemplo de ação social que sincroniza os vários sujeitos interessados e visa integrar e garantir a segurança econômica dos jovens que poderiam ser vítimas da pobreza. Para permiti-

tir que eles obtenham um ponto de força no mercado do trabalho competitivo, *Don Bosco Tech* ajuda os jovens a ganhar o necessário sustento e a adquirir as competências adequadas num ambiente de aprendizagem e acompanhamento que responda às exigências emotivas e de desenvolvimento do indivíduo.

Don Bosco Tech é uma rede com mais de 420 centros de formação para o trabalho (*skill training centres*). O trabalho em rede, depois de uma história feita de escolas técnicas e profissionais, tem início em 2006, como um modo de dar resposta imediata ao trabalho dos jovens. Têm como lema: “*Skilling India*”, isto é, preparar a Índia profissionalmente. *DB Tech* tem o objetivo de dar uma formação preciosa e ligada ao trabalho, como também atualizar as competências já possuídas e dar colocação a 2 milhões de jovens até 2022.

Os cursos profissionais de curta duração orientados pelo mercado são oferecidos aos jovens econômica e socialmente sem recursos



Don Bosco Tech
Skilling India



(18-35 anos) em vista de um emprego sustentável. A ambiciosa iniciativa visa enfrentar as questões do desemprego e da falta de mão de obra qualificada. *Don Bosco Tech* formou 264.986 jovens numa década, dos quais cerca de 70 por cento encontraram trabalho em organizações reconhecidas em toda a Índia.

Seus destinatários são estudantes em idade escolar e a juventude economicamente frágil das aldeias e cidades.

Diversamente dos cursos de formação não flexíveis e convencionais que não respeitam os mercados de trabalho em contínua evolução, *Don Bosco Tech* vai além da rígida apren-

dizagem baseada no currículo e adota módulos de aprendizagem flexíveis e orientados para o mercado, gerenciados por instrutores adequados. Os formadores encorajam os alunos a desenvolverem suas capacidades intrínsecas, identificam e articulam seus pontos fortes e suas fragilidades desenvolvendo soluções para resolvê-las na forma de autogestão. Participando de um diálogo personalizado com os alunos, os formadores orientam-nos para aprenderem das próprias experiências de vida e assumirem a responsabilidade do próprio desenvolvimento como também do das suas famílias e comunidades. ■

Os atuais centros formais e informais de Formação Profissional na Índia e no Sri Lanka

Inspetorias	Instituições formais		Instituições não-formais		Num. Total de Alunos
	Politécnicos	Institutos Médios	Centros Formação Profissional	Outros	
INB	1	2	7		1900
INC		4	5	2	1500
IND			7	6	1300
ING	1		7	3	2200
INH		2	8		1200
INK		6	12		2800
INM	3	6	10		3400
INN		3	9		1750
INP	1	1	2		1400
INS		1	8	2	1500
INT	2	3	7		2150
LKC	1		5		1100
Total	9	28	87	13	22.200*

* Os demais centros de Don Bosco Tech funciona, encontram-se em outros institutos religiosos, dioceses e ONGs

A variedade dos Centros de FP na Ásia Leste

P. Václav Klement, SDB

Conselheiro Geral para a Região Ásia Leste – Oceânia



São estes os **centros de Formação Profissional** na Ásia Leste e Oceânia:

Oceânia

- Samoa – 2 (Don Bosco Technical School: Apia, Saleleloga)
- Ilhas Salomão – 2 (Honiara DB Technical School, Tetere DB Rural training center)
- Papua-Nova Guiné – 5 (Port Moresby – Gabutu, Port Moresby – DBTI College, Kumgi – DB Technical College, Vunabosco, Araimiri)

Asia Leste

- Macau – 1 (*Vocational Training Center - VTC*)
- Hong Kong – 1 (*Aberdeen Technical School*)
- Taiwan – 1 (*Tainan Salesian Technical School*)
- Coreia – 1 (Seul – DBYC: VTC)
- Japão – 1 (*Salesio Polytechnic – Tóquio, Machida*)
- Vietnã – 4 (Phuoc Loc, Tanh Ha, Ky Anh, My Thuan) VTC
- Tailândia – 3 (Bangkok *Don Bosco Tech-*

nological College, Bangkok – Pakkred: VTC para cegos, Banpong *Don Bosco Technical School*)

- Myanmar – 3 (Myitkyina, Mandalay, Hlang Thar Yar) VTC
- Laos – 1 (Vientiane) VTC
- Camboja – 5 (Phnom Penh, Sihanoukville, Poipet, Kep, Battambang) VTC
- Filipinas – 18 (Manila – Tondo, Manila – Makati, Manila – Mandaluyong, Canlubang, Calauan, San José Nueva Ecija, Legazpi, Naga, Pampanga, Mindanau – Mati, Buda; Victorias, Dumangas, Cebu – DBTS, Cebu – Boys Home, Cebu – Pasil, Cebu – CICL: *prision VTC*, Borongan)
- Timor Leste – 4 (Fatumaca, Maliana, Fuiloro, Dili-Comoro) *Technical school, VTC*
- Indonésia – 2 (*Blitar Technical school, Jakarta - Tigaraksa VTC*)
- Malásia – Kuching (*St. Joseph Technical College * VTC: iniciado em 2017*)

Deve-se reconhecer também outras instituições educativas administradas por grupos da Família Salesiana:



- Filhas de Maria Auxiliadora (FMA): Tailândia – VTC para cegos; Camboja – VTC para meninas, Mianmar – VTC para meninas; Filipinas – VTC para meninas e mulheres; Laos – VTC para meninas.
- Irmãs da Caridade de Jesus: *Secondary Technical School* – Port Moresby, Kimbe aberta recentemente.

“Dom Bosco”, seja como congregação religiosa com instituições educativas, seja como pessoa é conhecido, reconhecido e apreciado nos 23 países da nossa Região Ásia Leste – Oceânia, sobretudo pela educação técnica, em nível de escola secundária, em nível de educação terciária: Faculdades, ou através dos centros de formação profissional (CFP) (Vocational Training Center – VTC), de vários níveis e encaminhamentos.

A Formação Profissional Salesiana pode ser um instrumento – **veículo para o Primeiro Anúncio de Jesus Cristo** – nos ambientes da Ásia Leste – Oceânia:

- sendo espaço de encontro na vida cotidiana, onde a educação se torna facilmente testemunho de Jesus e chega ao coração dos jovens;
- sobretudo nos ambientes plurirreligiosos e multiculturais, a formação profissional

torna-se ponte entre a gente simples e a Igreja Católica. De fato, em nossos CFP encontramos jovens pobres de todas as religiões (ou sem nenhuma afiliação concreta) que estão em busca do melhor para suas vidas;

- trata-se de uma plataforma ideal para alcançar ou estar presentes entre os jovens de outros credos ou religiões;
- Dom Bosco é chamado por muitos justamente para esse serviço de preparação à vida dos jovens migrantes, pobres ou marginalizados, através da formação profissional. Isso inclui obviamente também a formação humana e muitíssimas possibilidades de formação à fé.

Desde os tempos de Dom Bosco e dos seus primeiros missionários, a educação técnica oferece um espaço privilegiado ao **Salesiano Coadjutor** que está muito próximo dos jovens pobres no laboratório (*workshop*) e na sala de aula como irmão mais velho ou pai que inicia os jovens não só à vida profissional, mas também à vida de família, numa sociedade solidária. A presença humilde, significativa e eficaz de um Consagrado Salesiano entre os jovens é sinal eloquente da presença de Jesus Cristo no mundo do



trabalho ou de preparação ao trabalho.

Como dado de fato, em quase todas as escolas técnicas ou nos centros de formação profissional vemos que a maioria dos mestres, técnicos, instrutores e educadores são nossos **ex-alunos**. Sobretudo os que viveram em nossas escolas ou CFP com internato. A educação recebida com as simples orações cotidianas, o “bom-dia” ou “boa-noite”, os cantos, as devoções ou os grupos

de oração, os retiros também para os não cristãos, torna-se semente que dará fruto, não logo, mas depois de muitos anos. Os CFP são um belíssimo convite a dedicar-nos mais à formação dos nossos ex-alunos desde o primeiro dia da sua presença nos nossos centros. Normalmente, estes ex-alunos são os mais afeiçoados a Dom Bosco, porque a Ele devem tudo em sua vida. ■



Laos, uma presença recente

Missões Dom Bosco

DO VIDEO: Sussurrando o Evangelho nas escolas profissionais do Laos

Num País de tradição budista, politicamente comunista com a proibição da religião cristã, abriu-se uma porta para a presença de Dom Bosco em favor dos jovens através da formação profissional. Em 2016, na República Popular Democrática do Laos foi aberto oficialmente o “*Don Bosco Youth Vocational Training Center*”, na cidade real de Vientiane.

O Laos é um País com grande desenvolvimento econômico. Atualmente, vive do turismo e da indústria. Tem uma população de 7 milhões de habitantes e na capital vivem 700 mil. A capital Vientiane é próspera, mas a pobreza está mais nas províncias agrícolas. As ONG estão presentes no desenvolvimento do País.





O Centro Dom Bosco é uma escola técnica, com internato, para iniciação ao trabalho. Não se pede pagamento, mas os alunos contribuem, cada um, com 75 quilos de arroz para o ano todo. Há 4 cursos: eletricidade e mecânicas de automóvel de um ano, conserto de motocicleta e solda, de seis meses.

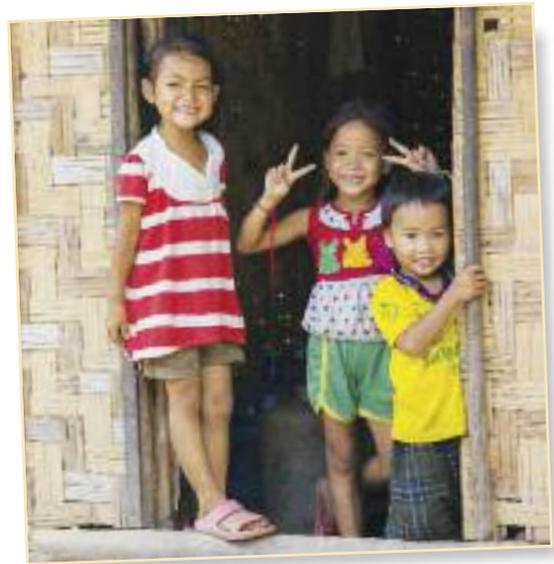
O governo do Laos agradece pela formação já dada a mais de mil alunos, considerando que 75% deles encontraram trabalho, melhorando assim a própria vida.

A obra salesiana faz parte da Inspetoria da Tailândia. A atividade teve início de forma clandestina em 2004 através de alguns ex-alunos da escola profissional salesiana de Bangkok (Tailândia), que agora são professores no Centro Dom Bosco do Laos. A “Youth Union”, estrutura do governo, manifestou interesse pela obra salesiana em favor dos jovens. Em 2016, foi assinado um convênio oficial devido à grande necessidade de centros de formação para o trabalho.

Os alunos sentem

que, no Centro Dom Bosco, não só aprendem um ofício, mas também como se comportar no dia a dia, como ser bons, como vencer os vícios. No Laos não é permitido professar uma religião que não seja a budista. A presença dos Salesianos é aceita pelo governo porque o seu método educativo é eficaz e convincente. Naturalmente, os Salesianos são missionários, mas não o dizem, porque não lhes é permitido manter atividades religiosas vivendo num país comunista. Por isso, procura-se oferecer aos alunos valores humanos, como o trabalho diligente, o estudo, a disciplina no estudo, a excelência no trabalho e a qualidade do trabalho que realizam nas oficinas. Essa é a porta de entrada do sistema educativo de Dom Bosco.

Já se pensa em alargar a formação a outras partes do País. A porta está aberta e vão sendo criadas as condições para o Primeiro Anúncio, que tocará o coração dos jovens do Laos, quando o Senhor o permitir. ■



Três Salesianos missionários em “mangas de camisa” na Formação Profissional



Uma das ideias geniais que o Espírito Santo suscitou em Dom Bosco são os Salesianos Coadjuutores que levam para todos os campos educativo-pastorais o valor da própria laicidade, que os torna de modo específico testemunhas do Reino de Deus no mundo, mais próximos dos jovens e da realidade do trabalho (cf. *Constituições* 45). São eles os consagrados aos quais Dom Bosco se referia como aqueles “em mangas de camisa”, que com sensibilidade laical e profissional, conduzem, com competência, a formação profissional da juventude em muitos contextos. A modo de exemplo apresentamos o testemunho de três Salesianos Coadjuutores missionários na Ásia.

Entrevista com o Sr. Roberto Panetto: A admirável história da *Don Bosco Hotel School*

Adaptado do Boletim Salesiano - Janeiro de 2016, Itália

da Entrevista de O. Pori Meconi

***Don Bosco Hotel School*: não é um nome estranho para uma obra salesiana?**

Bem, começa com “Dom Bosco” e termina com “Hotel Escola”; quer refletir os múltiplos modos que Dom Bosco usaria nos nossos dias para atrair os jovens, fazer com que se sintam acolhidos como numa família, educá-los enriquecendo-os com o precioso dom do Amor, prepará-los para inserir-se na sociedade com um bom trabalho que lhes permitirá ajudar suas famílias e sair da pobreza, ser cambojanos “honestos” para abrir ao País um horizonte mais promissor. Diria que Dom Bosco a teria chamado de “*Salesian Hotel School*”.

Como é estruturada?

A *Don Bosco Hotel School* é uma extensão da escola técnica Don Bosco

Technical School de Sihanoukville. A escola hoteleira pode receber 200 jovens – no momento, temos 196 – nas seções de Recepção, Serviço de quartos, Serviço de sala e Cozinha. Os alunos, rapazes e moças, vêm de aldeias espalhadas por todo o País, na maioria das províncias do sul do Camboja. Alguns dos jovens, 32, vivem no albergue no interior da nossa estrutura e as moças, 54, nas três casas para as jovens: duas estão diante das entradas principais da escola e uma no centro da cidade,

próxima à Don Bosco Guesthouse. O prédio das salas de aula e o albergue dos rapazes são visíveis dos quartos dos hóspedes que muitas vezes ficam no balcão para observar curiosos o movimento dos alunos, alguns pedem para visitar a estrutura escolar e também participar do



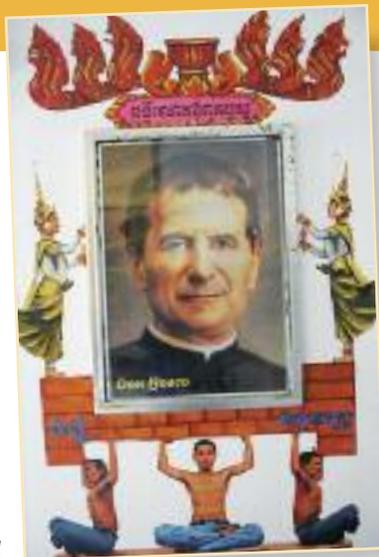
“bom-dia” que marca o início do dia com a oração universal e um bom pensamento educativo oferecido pelos Salesianos ou pelo pessoal da escola, às vezes também por hóspedes desejosos de comunicar a própria experiência de vida aos nossos jovens. Faz parte da estrutura também o *Ristorante Gelato Italiano*, que é uma sorveteria-restaurant situada numa praça do centro da cidade, a 3 km da *Don Bosco Hotel School*. O local, em parceria com a agro-sorveteria San Pè, de Poirino (Itália), oferece sorvete de alta qualidade além de pizza, massa, café expresso, cappuccino e outros pratos italianos e asiáticos. Muitos clientes passam a conhecer Dom Bosco simplesmente com um bom sorvete e continuam com muitas perguntas sobre a proveniência e a atividade de Dom Bosco no Camboja. O sorvete é apreciado e pedido por outros hotéis e restaurantes de Sihanoukville, e é muito aplaudido por muitas crianças e jovens que o recebem gratuitamente nas festas durante o ano escolar. Nas celebrações do bicentenário de Dom Bosco distribuímos sete mil sorvetes.

Como lhe veio a ideia?

Um benfeitor holandês afirmou que gostaria de fazer uma grande doação para uma escola de hotelaria. Tentamos inutilmente convencê-lo a ajudar outro setor, já existente, mas ele exclamou: “Se não existe, gostariam de construí-la?”. Por que não? Visto que seria uma ótima ocasião para inserir muitos jovens num bom trabalho permanecendo no território. Por outro lado, também Dom Bosco trabalhou como garçom quando jovem! E assim a ideia tornou-se uma magnífica realidade.

Desde quando trabalha no Camboja?

Em 24 de maio de 1991, o P. Valter Brigolin e eu chegávamos ao Camboja. Celebraremos os 25 anos justamente neste ano 2016.



Quais foram as suas experiências anteriores?

Depois do noviciado em Monte Oliveto, Pinerolo (Itália), estudei em Turim na Obra Salesiana Rebaudento, de 1969 a 1972. Ali amadureceu a minha vocação missionária, depois de um “boa-noite” quando um missionário escreveu que precisava de um Salesiano mecânico, mais do que outras ajudas materiais. Quando pedi ao superior que

me deixasse partir para a missão da Tailândia, a resposta foi: “Deixemos apagar eventuais fogos de palha... falaremos disso em três anos”. Fui, então, para San Benigno Canavese como professor técnico para o instituto profissional e de ginástica para a escola média, até novembro de 1975, quando, ainda com o fogo ardente, foi-me permitido partir para a Tailândia onde passei 14 anos belíssimos na escola técnica Dom Bosco de Bangkok.

Em 1989, os jesuítas pediram para os Salesianos organizarem cursos práticos, breves, para jovens cambojanos nos campos de refugiados. A finalidade era preparar o maior número possível de cambojanos com uma profissão, de modo que pudessem voltar ao Camboja sendo capazes de reconstruir a sociedade destruída ao longo de anos do genocídio de Pol Pot, 1975-1979, e a guerra que ainda continuava entre vietnamitas, Khmer Vermelho, e forças governativas. O superior da Tailândia aceitou o convite quando, depois da visita aos campos de refugiados, fiquei impressionado com o mar de crianças e jovens: mais de 60% dos 350 mil refugiados tinham menos de 20 anos, amontoados em cabanas de bambu nos campos delimitados com arame farpado e vigilância militar, mas expostos a diversos perigos e abusos.

Os Salesianos construíram seis escolas técnicas com mais de 1.200 alunos. Mais de 3.000 jovens foram preparados para o trabalho como mecânicos, soldados, eletricitistas,

mecânicos de carro, impressores. Dom Bosco conquistou o coração dos jovens dos campos de refugiados.

Diziam: “Por que Dom Bosco não vem conosco ao Camboja? Perdemos nossos pais e agora Dom Bosco é um Pai para nós! Ele precisa vir conosco!”

Um pedido tocante; Dom Bosco não haveria de dizer não. Uma visita das autoridades a Phnom Penh terminou com o acordo de construir uma escola profissional na capital. Assim, os Salesianos obedeceram à ordem dos jovens cambojanos, que tiveram o seu Pai junto deles, finalmente no Camboja.

Qual é a presença salesiana no Camboja?

Os Salesianos, conhecidos como “Fundação Dom Bosco no Camboja”, trabalham principalmente em escolas profissionais e de preparação ao trabalho. Depois da primeira escola criada num orfanato do governo, a primeira escola salesiana foi a escola técnica Dom Bosco em Phnom Penh. Num terreno de 12 hectares foram construídos os vários edifícios que acolhem mais de 600 jovens, rapazes e moças, nos setores de mecânica, solda, mecânica de carros, eletromecânica, eletrônica, artes gráficas e tecnologia da informação. A escola também produz livros técnicos em língua cambojana, muito apreciados e pedidos por outras escolas técnicas do governo e de outras organizações. A segunda escola em Sihanoukville, com 566 alunos, tem seções de mecânica, solda, mecânica de carros, eletromecânica, secretariado empresarial, comunicação social e a escola de hotelaria *Don Bosco Hotel School*. Uma terceira presença está na cidade de Battambang, onde há duas escolas para crianças tiradas das fábricas de tijolos e famílias pobres das aldeias. As crianças são mais de 800. Uma escola agrícola está se formando e abrirá em breve. As crianças que trabalham na fronteira entre a Tailândia e o Camboja também têm uma casa de Dom Bosco, que as acolhe em Poipet, onde, além da escola elementar e média, têm a possibilidade de aprender um ofício como eletro-

mecânica, solda e conserto de carro.

As crianças e os alunos são cerca de 350. A última escola profissional aberta localiza-se na cidade no litoral de Kep, 150 km ao sul de Phnom Penh. Os 300 rapazes e moças fazem cursos de comunicação social, secretariado empresarial, hotelaria e tecnologia da informação.

O que as pessoas pensam dos Salesianos?

Os Salesianos, sendo filhos de Dom Bosco, vivem do testemunho. Dom Bosco conquistou o coração dos cambojanos, porque ama indistintamente a juventude pobre de qualquer religião, respeita as autoridades, não se intromete na política de modo direto, educa os jovens acompanhando-os para a inserção na sociedade com um trabalho digno. Tudo isso torna os Salesianos bem acolhidos tanto pela população como pelas autoridades.

Como vê o futuro da Congregação no Camboja?

A presença salesiana no Camboja atua numa situação, em alguns aspectos, muito semelhante à de Dom Bosco quando encontrou os jovens pelas ruas de Turim, nas prisões, crianças operárias, exploradas e abusadas. O tráfico de crianças através da fronteira, as crianças expostas ao turismo sexual e aos pedófilos nas praias de Sihanoukville ou ao longo do rio de Phnom Penh, as crianças vendidas pelas famílias simples e ignorantes a pessoas que prometem um futuro de sonho para quando crescerem... são situações que interpelam a nós, Salesianos, para intervir rapidamente a fim de prevenir e pôr fim a esses horrores. Muitas famílias vivem em condições de pobreza extrema. As estatísticas mostram que a população das zonas rurais vive com menos de um dólar por dia. A educação, especialmente pela preparação ao trabalho, é a melhor arma para vencer a ignorância e a pobreza. No Camboja, somos atualmente 16 Salesianos dos quais só dois cambojanos: quanto a nós, achamos que também no futuro nunca estaremos desempregados! ■



Andrew Tran: de Budista a Cristão, Salesiano e Missionário!

De Cagliari 11 - Agosto de 2012

O Salesiano Coadjutor **Andrea Tran Le Phuong** é um missionário vietnamita na Mongólia, que trabalha no centro de formação profissional de Ulan Bator.



Nossa família era budista, mas alguns amigos da minha irmã eram católicos, e ela participava com eles de algumas atividades da igreja. Certo dia, minha irmã expressou o desejo de ser católica. Então meu pai disse à família que o avô antes de morrer lhe dissera que se dizia sobre os nossos antepassados terem sido católicos e pediu ao meu pai para procurar os nossos parentes católicos. Meu pai deu permissão à minha irmã e, surpreendentemente, acrescentou: “Quero que toda a nossa família seja católica segundo o desejo do vovô”.

A igreja mais próxima à nossa casa era conduzida pelos Salesianos e minha irmã ficou conhecendo o P. Fabian Hao. Compartilhou com ele a nossa história e o desejo do meu pai, e ele se ofereceu para ajudar. Uns dois meses depois, P. Hao disse ao meu pai que fora ao lugar de nascimento do meu avô e ali encontrara os nossos parentes católicos e que um deles também se tornara sacerdote. Com essa notícia, meu pai decidiu que toda a nossa família se converteria ao catolicismo. Toda a nossa família apoiou a decisão do meu pai, menos eu. Todos começaram a estudar o catecismo, mas sem mim. Resistia, mas com a ajuda do P. Hao, afinal, também decidi estudar o catecismo com a minha família. No dia 22 de dezembro de 1992, P. Hao batizou toda a nossa família.

Um mês depois descobriu-se que meu pai estava com câncer. A morte do meu pai, pou-

cos meses depois, atingiu-me duramente, mas fiquei mais impressionado ainda pelo apoio dado pelo P. Hao a meu pai durante a sua doença e à nossa família depois da sua morte. Depois, pedi a minha irmã que me levasse até o P. Hao. Disse-lhe que não sabia o que fosse a vida consagrada,

mas que só queria ser como ele. Tornei-me, então, aspirante, enquanto trabalhava para sustentar minha família. Depois de ler as biografias de Dom Bosco, do beato Artêmidas Zatti e de Simão Srugi estava mais que convencido que devia ser Salesiano coadjutor.

Certo dia, enquanto limpava uma velha estante no pré-noviciado, vi um livro que narra os sofrimentos e a morte por amor de Cristo dos missionários no Vietnã durante a perseguição. Essa foi a semente da minha vocação missionária. Compartilhei o desejo de ser missionário *ad gentes* com o meu Mestre de noviciado e com o diretor do pós-noviciado. Em 2000 fiz o pedido e fui enviado a Papua-Nova Guiné para estudar no Don Bosco *Technological Institute* em preparação à minha missão na Mongólia.

Quando os irmãos me perguntam por que ser missionário no exterior, quando nós temos muita gente no Vietnã que ainda não conhece Cristo, respondo simplesmente: “Recebemos tanto dos missionários, também à custa da própria vida. Sinto que também temos o dever de compartilhar a nossa fé em Cristo”. Estou certo de que Deus nos abençoará abundantemente pela nossa generosidade. Ele mandará mais pessoas para tomar o meu lugar na Inspetoria.

Desde 2004 trabalho alegremente na

Mongólia como missionário Salesiano Coadjutor. Agradeço pelo testemunho de vida dos Salesianos que tornaram maleável a obstinação do meu coração budista e me levaram

a Cristo e a descobrir a minha vocação salesiana. Agradeço, sobretudo, a Deus pelas coisas maravilhosas que fez por mim! ■



Luigi Parolin: duas mãos calosas para mudar o mundo

Do Boletim Salesiano - Dezembro de 2016, Itália

A admirável e laboriosa aventura de um Salesiano Coadjutor e do *Don Bosco Agro-Mechanical Technology Center* de Legazpi City, nas Filipinas.

Sou um Salesiano Coadjutor, meu nome é Luigi Parolin e nasci na província de Vicenza (Itália) em 1940. Venho de uma família de agricultores. Desde menino frequentei a Escola Agrícola Salesiana de Cumiana (província de Turim) e, depois, a Escola Profissional Salesiana “Rebaudengo”, de Turim. Nesse período, tive a oportunidade de conhecer muitos Missionários Salesianos que voltavam a Turim. Ouvindo a experiência deles, sentia a grande pobreza do povo, em particular dos jovens. Fiquei impressionado com isso tudo e aos dezessete anos optei por ser Salesiano. Depois de três anos de formação, parti para as Filipinas em

1960. Tinha vinte anos e ainda hoje vivo feliz com a minha decisão.

Trabalhei sempre nas escolas profissionais salesianas; para obter uma maior especialização, frequentei um curso de motores na Califórnia, Estados Unidos, e, em 1968 voltei às Filipinas para organizar e dirigir a seção de formação profissional para jovens de famílias pobres em dois diversos Centros de Manila. No final dos anos 90, meus superiores, a pedido do bispo de Legazpi, encarregaram-me de iniciar um centro profissional nas colinas daquela cidade a cerca de 500 km a sudeste de Manila.

Para compreender essa opção, é preciso ter presente que a população filipina é de cerca de 100 milhões de habitantes com um aumento de mais ou menos um milhão e meio por ano. A maioria das pessoas trabalha na



agricultura. Grande parte do solo é de colinas com coqueiros. O ganho dos agricultores depende da venda do coco. Os agricultores não exploram o terreno abaixo e os proventos da venda de coco não são suficientes para todos, também



porque o número de coqueiros está em diminuição devido a doenças que os atingem e os tufões que passam pela ilha, enquanto a população aumenta com a consequente piora da condição econômica. São poucos os agricultores que plantam um pouco de milho, mandioca, batata doce; a criação de animais é só para uso familiar. O trabalho agrícola na colina apresenta dificuldades objetivas.

Outros produtos agrícolas cultivados são arroz, cânhamo (para produção de tecidos e outros objetos variados), pili e abacaxi. A pesca também é difusa. Legazpi está situada na região de Bicol (ilhas Luzon). É uma região com cerca de 4,7 milhões de habitantes. 60% da área construída está nas montanhas e colinas. Bicol é uma das regiões mais pobres das Filipinas. O clima é quente e úmido e a chuva abundante. O bispo local ofereceu-nos o uso de cerca de 13 hectares na colina, cultivada com coco, mas só a metade é utilizável.

Analisando as condições socioeconômicas do povo local, individualizamos alguns problemas a enfrentar, como a falta de um projeto agrícola para o terreno em colina (o que e como plantar), a falta de equipamentos básicos, que de fato ainda são rudimentares e arcaicos; a falta de capital inicial; a incapacidade gerencial e de mercado. Depois de uma primeira análise e avaliação da situação ambiental e cultural foi concluído que este é o lugar ideal para Dom Bosco

e, no dia 11 de setembro de 2000, foi colocada a primeira pedra. Com a assistência econômica da Conferência Episcopal Italiana e da Alemanha, construímos alguns prédios e buscamos os equipamentos. Em 28 de

junho de 2001 foi inaugurado oficialmente o “*Don Bosco Agro-Mechanical Technology Center di Legazpi City*”.

Atividades do centro de formação

Seguindo o exemplo de Dom Bosco, que fazia da educação o instrumento de combate à pobreza, organizamos um centro profissional-agrícola para ensinar um ofício aos filhos de agricultores e não agricultores e, portanto, para colocar as bases do seu resgate social sem deixar de lado a formação humana e cristã.

Desde que o centro teve início até outubro de 2014, 1579 jovens concluíram o período previsto de estudos e em poucos meses mais de 86% dos jovens encontraram emprego.

A oferta formativa é constituída por estes cursos profissionais: agricultura, com horticultura e criação de animais; mecânica agrícola; carpintaria; mecânica com solda elétrica; motores a gasolina e diesel de um cilindro e motocicleta; estudo de equipamentos e máquinas agrícolas, equipamentos elétricos e manutenção de condicionadores de ar.

Os cursos no Centro são realizados no período de um ano e acompanhamentos por cinco meses de aprendizado e estágio em diversas empresas. Os resultados produzidos pela atividade do Centro são mais do que satisfatórios e a sua retomada surtiu efeitos positivos tanto no plano pessoal dos próprios jovens, com um emprego, como no plano fa-

miliar, com a melhoria das condições econômicas, como também comunitário pelo papel ativo adquirido.

Potencialização da agricultura

O segundo objetivo que nos prefixamos foi dar assistência aos agricultores na melhoria e potencialização do uso do terreno apesar da sua característica de colina. Devemos trabalhar nessa direção.

Entre os diversos produtos que cultivamos atualmente há o milho, a mandioca, hortaliças e plantas frutíferas.

Desde há alguns anos nos dedicamos também ao cultivo da soja como elemento importante na composição da alimentação dos animais. Em lugar de importar esse produto, largamente utilizado para a alimentação animal, queremos cultivá-lo localmente para abaixar os custos de produção da forragem, criando, portanto mais trabalho e oportunidades para os agricultores. Tudo isso requer mais pesquisa, equipamentos, tecnologia e capital, mas também traz muitos benefícios aos agricultores.

O trabalho voltado à potencialização produtiva nunca está separado da atenção em relação ao território. O uso da terra, em todo caso, não deve deixar de lado o respeito pelo ambiente. Há anos, de fato, praticamos a agricultura biológica pois, além de ser mais econômica, melhora as condições do terreno e a qualidade dos próprios produtos. Todos os fertilizantes são naturais, produzidos principalmente em nosso centro, e não são usados nem pesticidas nem herbicidas.

Criamos no centro milhares de galinhas, frangos e mais de cem porcos. Para diminuir o custo da alimentação animal, o Centro usa um moinho para a moagem do milho na preparação da forragem.

Além da formação em técnica agrária, temos o dever e a urgência de introduzir equipamentos mecânicos simples para o trabalho da terra: alguns deles são construídos por nós mesmos ou comprados e, às vezes,

adaptados conforme as particularidades do terreno ou do trabalho a ser feito. Encontram-se pouquíssimos equipamentos mecânicos nas Filipinas e, por isso, precisamos usar a nossa “criatividade”.

O processamento dos produtos

Em 2008, o *Don Bosco* começou a cultivar soja de modo experimental com bons resultados. A produção, porém, devia ser limitada pois é um produto que requer certo processamento que não éramos capazes de fazer por falta de equipamentos. O Ministro da Agricultura, que acreditou no nosso projeto, deu o capital necessário para a aquisição de uma máquina de processamento da soja. Agora, vemos os agricultores no cultivo desse produto muito requisitado pelo mercado local.

O *Don Bosco* demonstrou que a soja cresce bem naquela região (e em outras também) e a sua produção é realizável. Com essa iniciativa o *Don Bosco* comprova que há ali uma nova oportunidade para os agricultores.

A cooperativa

A fim de dar assistência aos agricultores, o *Don Bosco* criou há alguns anos a cooperativa “Don Bosco Agricultural Multi-purpose Cooperative”, de Legazpi, com o objetivo de unir e dar assistência aos agricultores no cultivo da terra, ajudando-os com empréstimos de capitais iniciais, instruindo-os no uso de técnicas adequadas, no marketing, etc. A soja processada é muito apreciada pelos criadores e empresas que preparam os vários compostos. É tarefa da cooperativa colocar esse e outros produtos no mercado.

Nós do *Don Bosco*, e nós, Salesianos, em particular, estamos felizes por acompanhar os agricultores e os jovens na sua formação em sentido amplo: melhorar a sua condição social e econômica com a instrução técnica, sem descurar o seu desenvolvimento humano e cristão. ■



Ecclesia in Asia

Apresentamos uma pequena parte deste rico documento sobre a evangelização na Ásia.

Nº 23. Vida cristã como anúncio

Quanto mais a Comunidade cristã estiver arraigada na experiência de Deus que brota duma fé viva, tanto mais será capaz de anunciar credivelmente aos outros a realização do Reino de Deus em Cristo. Isso será o resultado da escuta fiel da palavra de Deus, da oração e contemplação, da celebração do mistério de Jesus nos sacramentos, sobretudo na Eucaristia, e do exemplo dado de verdadeira comunhão de vida e integridade de amor. O coração da Igreja particular deve permanecer fixo na contemplação de Jesus Cristo, Deus feito homem, e esforçar-se constantemente por chegar a uma união cada vez mais íntima com Ele, cuja missão ela continua. A missão é ação contemplativa e contemplação cativa. Por isso, um missionário que não possua uma profunda experiência de Deus na oração e na contemplação terá pouca influência espiritual e reduzido sucesso missionário [...]

Uma pessoa verdadeiramente religiosa ganha prontamente respeito e aceitação na Ásia. É que a oração, o jejum e as várias formas de ascetismo são tidas em grande estima; e a renúncia, o desapego, a humildade, a simplicidade e o silêncio são considerados grandes valores pelos seguidores de outras religiões. Para que a oração não apareça desunida da promoção humana, os Padres Sinodais insistiram em que « as obras de justiça, de caridade e de solidariedade façam parte duma autêntica vida de oração e contemplação, e de fato só uma tal espiritualidade poderá ser a fonte boa da nossa obra evangelizadora ». Plenamente convictos da importância de testemunhas autênticas para a evangelização da Ásia, os Padres Sinodais declararam: « A Boa Nova de Jesus Cristo só pode ser proclamada por aqueles que se deixarem conquistar e inspirar pelo amor do Pai a seus filhos, manifestado na pessoa de Jesus Cristo. Este anúncio é uma missão que necessita de homens e mulheres santos que desejam, através de suas vidas, tornar conhecido e amado o Salvador. Um fogo só pode ser





aceso por algo que já esteja incendiado. Do mesmo modo, também só é possível realizar, na Ásia, um frutuoso anúncio da Boa Nova da salvação, se Bispos, clero, pessoas de vida consagrada e laicato estiverem, eles próprios, abrasados pelo amor de Cristo e inflamados de zelo por tornarem-No mais largamente conhecido, mais profundamente amado e mais intimamente imitado ». Os cristãos que falam de Cristo devem manifestar na vida a mensagem que proclamam.

A propósito disto, há uma circunstância particular no contexto asiático que merece a nossa atenção: a Igreja sabe que o testemunho silencioso de vida permanece ainda o único meio de proclamar o Reino de Deus em muitos lugares da Ásia, onde é proibido o anúncio explícito, e a liberdade religiosa é negada ou sistematicamente restringida. A Igreja abraça conscientemente este tipo de testemunho, considerando-o como parte da cruz que deve carregar (cf. Lc 9, 23), embora não cesse de implorar e incitar os Governos a reconhecerem a liberdade religiosa como um direito humano fundamental. [...]

É claro, portanto, que o anúncio de Jesus Cristo na Ásia apresenta aspectos vários e complexos tanto no conteúdo como no método. Os Padres Sinodais estavam bem cien-

tes da legítima variedade de modelos para o anúncio de Jesus, tomando providências para que a própria fé seja respeitada em toda a sua integridade ao longo do processo da sua recepção e partilha. O Sínodo observou que « a evangelização é, hoje, uma realidade rica e dinâmica. Possui vários aspectos e elementos: testemunho, diálogo, anúncio, catequese, conversão, batismo, inserção na comunidade eclesial, a implantação da Igreja, inculturação e promoção humana integral. Alguns destes elementos comparecem juntos, enquanto outros constituem fases sucessivas do processo global de evangelização ». Mas, em todo o trabalho de evangelização há que anunciar a verdade completa de Jesus Cristo. Pôr em destaque determinados aspectos do mistério inexaurível de Jesus é simultaneamente legítimo e necessário para iniciar gradualmente uma pessoa no conhecimento de Cristo, mas isso não deve levar a comprometer a integridade da fé. No fim, a aceitação da fé por um indivíduo deve estar assente numa compreensão segura da pessoa de Jesus Cristo, tal como é apresentada pela Igreja em todo o tempo e lugar, o Senhor de todos, que é « o mesmo ontem, hoje e por toda a eternidade » (Hb 13, 8). ■

Os Santos e a Formação Profissional

São Kuriakose Elias Chavara

Kuriakose (Ciríaco) Elias Chavara nasceu no dia 10 de fevereiro de 1805 de Iko (Kuriakose) Chavara e Mariam Thoppil, em Kainakart, no Estado do Querala, Índia. Kuriakose deriva do nome *Quriakos*, siríaco aramaico, porque a família pertencia ao rito siro-malabarese da Igreja Católica. Essa Igreja reivindica descender das sete comunidades fundadas pelo Apóstolo São Tomé, cujo túmulo se encontra em Chennai, na costa leste da Índia.

Nascido dez anos antes de João Bosco, Kuriakose não teve dificuldade para iniciar a sua formação, em tenra idade, na escola elementar da aldeia. Aos 13 anos entrou no seminário e foi ordenado sacerdote no dia 29 de novembro de 1829, com menos de 25 anos.

Dois anos mais tarde, em 1831, aquele que fora seu reitor no seminário, P. Palackal Thoma Malpan, outro sacerdote, P. Porukara Thoma Kathanar e o próprio Kuriakose começaram a viver juntos numa comunidade monástica. Os dois primeiros morreram um decênio depois, um em 1841 e outro em 1846. Entretanto, Kuriakose não abandonou os seus projetos: em 8 de dezembro de 1855, ele e outros dez emitiram os votos segundo a tradição carmelita.

Não obstante provenham de dois continentes diferentes, há muitas semelhanças entre Dom Boco e Kuriakose Chavara. Este entendeu a importância do valor da instrução e utilizou a sua posição de vigário-geral da diocese para ordenar que cada paróquia iniciasse também uma escola. No início, ele não se ocupava dos jovens analfabetos que migravam das aldeias às cidades em busca de trabalho, mas, depois, ele viu que somente os filhos dos ricos tinham acesso à instrução. De fato, era proibido às castas inferiores o estudo do sânscrito. Kuriakose insistiu para que todos fossem admitidos às escolas paroquiais. Atraiu os filhos dos pobres e das castas inferiores à escola, dando uma refeição gratuita ao meio-dia para todos os alunos. Somente



um século e meio mais tarde, o governo da Índia faria o mesmo.

Tanto Dom Bosco como Kuriakose foram escritores prolíficos. Ambos perceberam o poder da palavra impressa. Ambos tiveram uma tipografia. Kuriakose iniciou o mais antigo jornal Malaiala, ainda existente, o *Nasrani Deepika*.

Kuriakose e Dom Bosco fizeram da educação dos jovens o serviço prioritário de suas Congregações. Ambos entenderam que nem todos os jovens podiam ter sucesso no campo acadêmico; por isso, ambos iniciaram escolas profissionais, embora o peso dado por Dom Bosco tenha sido mais intenso do que o de Kuriakose, talvez porque o Querala não atravessava uma revolução industrial como a do Piemonte.

É muito interessante que Kuriakose tenha ido contracorrente em relação às sensibilidades sociais do seu tempo e da sua região, oferecendo educação às meninas e formação profissional às jovens mulheres. Colaborou com o P. Leopoldo Beccaro na fundação de uma congregação feminina; como também Dom Bosco fez com Maria Mazzarello e o P. Pestarino, para iniciar o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora.

Estes santos educadores entenderam que, para chegar ao coração das pessoas, é importante o caminho da formação dos seus filhos, incluída a instrução profissional.

O Papa Francisco dirá de Kuriakose e da sua filha espiritual:

«Padre Kuriakose Elias Chavara e Ir. Eufrásia Eluvathingal, religiosa do Instituto feminino por ele fundado, recordam a cada um de nós que o amor de Deus é a fonte, a meta e o sustento de toda santidade, enquanto o amor do próximo é a mais límpida manifestação do amor pelo Senhor. De fato, padre Kuriakose Elias foi um religioso ativo e contemplativo, que gastou generosamente a sua vida pela Igreja Siro-Malabarese, atuando segundo o lema “santificação pessoal e salvação dos outros”». ■

Projeto 2018

Um sussurro de esperança em meio a explosões e tiros de arma de fogo



Jovens meditando

Joseph Lian Khat Kim tem 20 anos e ganha 200 dólares por mês como marceneiro – um ótimo salário em Mianmar. “Órfão” aos 3 anos, quando seus pais se divorciaram e o abandonaram... Foi Dom Bosco que o educou, lhe deu uma habilitação e, portanto, a capacidade de encontrar um emprego.

Sut Rein Aung tem 21 anos. Abandonado pelo pai aos 2 anos, abusado pelo padrasto na adolescência, fugiu de casa, que não era mais um lar para ele. Foi para Myitkyina, capital do estado de Kachin em Mianmar. Os companheiros de rua fizeram-no experimentar a droga. Esteve envolvido em pequenos furtos para manter o vício adquirido e aplacar a fome. Foram necessários cinco meses de amor salesiano incondicional para fazê-lo deixar o uso da droga. Agora, aprendeu o ofício de soldador, e ganha 150 dólares por mês, mas continuará a viver conosco mais um pouco, para escapar de pressão dos antigos amigos de rua dependentes de drogas.

Dom Bosco faz a diferença. O Evangelho da Misericórdia, proclamado por Cristo, é sussurrado ao coração dos jovens de Kachin. E está transformando a vida deles. Está dando-lhes esperança. Atualmente, são outros 130 “Lian Khat” e “Rut Aung” – 90 meninos e 40 meninas. A maioria vem ao Dom Bosco de Myitkyina da comunidade Kachin, ou de outras diversas tribos. Suas vidas vão se transformando através do amor e da instrução profissional que recebem. No estado de Kachin os tiros de arma de fogo ecoaram anos a fio. As desordens civis e as violências sem fim só produziram desespero, como sempre, entre a gente comum, especialmente os jovens. Os jovens abandonaram a escola e fugiram das aldeias para Myitkyina. Mas não estão muito seguros na cidade. Correm o risco de serem recrutados por facções armadas, de abuso de droga, de tráfico de seres humanos, de cair vítima do mercado negro...

Em 2001, Dom Bosco foi um raio de esperança para esses jovens – meninos e meninas – através da formação humana, religiosa e técnica que lhes oferecemos. Nós nos adaptamos a suas circunstâncias, capacidades e necessidades. Eles aprendem profissões simples que melhoram as possibilidades de encontrar trabalho na própria cidade. Cursos de marcenaria, solda, eletricidade, mecânica de carros, concerto de celulares para os meninos; costura, bordado e criação de camisetas para as meninas; ou agricultura biológica e criação de porcos e vacas para meninos e meninas.

Dom Bosco convida cada Salesiano e cada instituição a fazer neste ano uma campanha para esta missão a fim de tornar esse sussurro de esperança um pouco mais forte. O centro tem uma grande necessidade de assistência financeira do exterior para ampliar e atualizar as infraestruturas e os equipamentos. Envie a sua contribuição em dinheiro à Sede Central, especificando que é para os jovens de Myitkyina, Mianmar.



Curso de bombeiro



Curso de marcenaria



Curso de mecânica



Meninos de 1º ano



Curso de corte e costura

Oração

Deus Onípotente,
Criador do Céu e da Terra,
que não te revelaste a Elías
no vento ímpetuoso,
nem no terremoto,
nem no fogo,
mas no sussurro de uma brisa suave;
torna-nos dóceis ao sussurro do Espírito
para anunciar o coração do Evangelho
ao coração do continente asiático.
Que o som harmonioso e alegre
da educação ao trabalho
dê dignidade à vida dos nossos jovens
abrindo-os ao encontro com Jesus,
o “Carpinteiro de Nazaré”.

Amém.



Setor das Missões - Sede Central Salesiana
Via Marsala, 42 - 00185 Roma
Tel. (+39) 06 656.121
e-mail: cagliero11@gmail.com

Redação: Equipe do Setor das Missões

Pôster : **Cl. Peter Duoc Le SDB** – Fotos: Missões Dom Bosco

Tradução: **P. José Antenor Velho SDB, P. Hilario Passero SDB**

Gráficos e Impressão: Tipolitografia Istituto Salesiano Pio XI - Tel. 06 7827819 / 06 7848123 • tipolito@donbosco.it